

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Mitiyo Santiago Murayama

**O mito da conversão: o discurso proselitista
dos líderes da Soka Gakkai no Brasil**

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

SÃO PAULO

2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

MITIYO SANTIAGO MURAYAMA

**O mito da conversão: o discurso proselitista
dos líderes da Soka Gakkai no Brasil**

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Dissertação apresentada à Banca
Examinadora da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo como exigência
parcial para a obtenção do título de
Mestre em Ciências da Religião sob a
orientação do Prof. Dr. Frank Usarski.

SÃO PAULO

2013

Errata

Na página 17, desconsiderar onde se lê (Ver Anexo I) pois não há anexos neste trabalho.

Na página 30, 3º parágrafo: onde se lê (Nakamaki 1994), considerar (Nakamaki 1994: 104).
NAKAMAKI, Hirochika.

1994. "Mutações Contemporâneas de Religiões Japonesas: principalmente o budismo no Brasil e nos Estados Unidos". *Senri Ethnological Reports*, v. 1, p. 87–112.

Na página 35, 2º parágrafo: onde se lê (Santos 2001), considerar (Santos 2009: 15, 95).

Na página 71, considerar a seguinte referência:

JAMES, William

1902. *The Varieties of Religious Experience — A Study in Human Nature*. The Electronic Classics Series Publication (2002–2013). Hazleton, Pennsylvania: Pennsylvania State University/PSU-Hazleton.

Na página 72, 2º parágrafo, onde se lê (Rambo 1992: 159; Lee 1988: 147), considerar as seguintes referências:

RAMBO, Lewis R.

1992. "The Psychology of Conversion". In *Handbook of Religious Conversion*. Birmingham, Alabama: Religious Education Press, p. 159–177.

LEE, Young Woon

1998. "Toward a Better Understanding of Educational Conversion". *Torch Trinity Journal*, v. 1, nº 1.

Na página 77, 1º parágrafo, onde se lê (Snow e Machalek 2007), considerar (Snow e Machalek 1984: 175–176).

Na página 77, 2º parágrafo, considerar a seguinte referência:

PALOUTZIAN, Raymond F., RICHARDSON, James T. e RAMBO, Lewis R.

1999. "Religious Conversion and Personality Change". *Journal of Personality*, vol. 67, p. 1047–1079.

Na página 79, 3º parágrafo, onde se lê (Snow e Machalek 1983: 265), e no 4º parágrafo, onde se lê (Snow e Machalek 1983: 170), considerar para ambas as citações: (Snow e Machalek 1984: 170).

Na página 82, 4º parágrafo, onde se lê (Brown e Caetano 1992: 148), considerar a seguinte referência:

BROWN, Warren S. e CAETANO, Carla

1992. "Conversion, Cognition, and Neuropsychology". In *Handbook of Religious Conversion*. Birmingham, Alabama: Religious Education Press, p. 147–158.

Na página 87, considerar as seguintes referências:

1º parágrafo

WILSON, Bryan e DOBBELAERE, Karel

1994. *A Time To Chant: the Soka Gakkai Buddhists in Britain*. Oxford: Clarendon Press.

4º parágrafo

HAMMOND, Phillip e MACHACEK, David

1999. *Soka Gakkai in America: Accommodation and Conversion*. Oxford: Oxford University Press.

BANCA EXAMINADORA

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo fazer uma leitura do discurso proselitista oficial da organização leiga budista Associação Brasil-Soka Gakkai Internacional publicado em seus diversos periódicos e contextualizá-lo segundo os dois paradigmas sociológicos da conversão religiosa, o clássico e o novo. Esses paradigmas estão relacionados em torno de três eixos principais relativos ao tempo, à intensidade e à rede social do convertido. Segundo o paradigma clássico, a conversão acontece de forma súbita, num momento repentino; caracteriza-se por ser muito intensa, já que o indivíduo passa por uma profunda e totalizante transformação nesse momento decisório; e ocorre de maneira solitária, sem a influência nem a participação de outros. O paradigma novo mostra a conversão como um processo que pode durar anos e é permeado por um diálogo do convertido com seu contexto social, apresentando-se dessa forma como uma alternativa para o paradigma clássico da conversão religiosa.

Palavras-chave: conversão, paradigmas da conversão religiosa, budismo, Budismo Nitiren, Soka Gakkai, SGI, Associação Brasil-SGI

ABSTRACT

The scope of this research is to make an attentive reading of the official proselytize speech from the lay Buddhist organization Brasil Soka Gakkai Internacional (BSGI), which is published in several journals, contextualizing it according the two sociological conversion paradigms: classic and contemporary. These paradigms are built upon three main axis concerning time, intensity and social networking of the convert. According the classic paradigm, the conversion occurs suddenly and unexpectedly; it is very intense, since the individual is supposed to go through a deep and totalizing transformation in this decision-making moment. Also, it is a completely solitary and autonomic way, without any influence of others. The new paradigm, the contemporary one, shows conversion as a long-term process, where the convert interacts with their social context, presenting itself as an alternative for the classic paradigm of the religious conversion.

Key words: conversion, religious conversion paradigm, Buddhism, Nichiren Buddhism, Soka Gakkai, SGI, Associação Brasil – SGI.

Aos meus pais, Elisabet e Kuraichi,
que são meu apoio e minha referência,
e ao meu mestre, Daisaku Ikeda.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, por compartilhar seus profundos conhecimentos.

Agradeço especialmente ao meu orientador, Prof. Dr. Frank Usarski, pela paciência e atenção, por compartilhar seus conhecimentos e por me apresentar o instigante tema da conversão religiosa.

À instituição de fomento à pesquisa CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), por ter financiado parte desta pesquisa.

Agradeço também à secretária do Programa, Andreia, por ter sido sempre tão atenciosa e prestativa.

Meus sinceros e eternos agradecimentos à amiga Lourdes, por todo o apoio e incentivo.

Aos meus colegas de classe, de curso e de caminhada na seara dos estudos da religião.

Aos meus pais e a minha família, por toda compreensão e por estarem sempre ao meu lado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
-----------------	----

CAPÍTULO I

O BUDISMO NITIREN E A SOKA GAKKAI

I.1 Budismo Nitiren — contexto sócio-histórico e biográfico de seu fundador.....	13
I.1.1 O Sutra do Lótus como texto fundamental do Budismo Nitiren.....	18
I.2 Evolução institucional do Budismo Nitiren.....	21
I.2.1 A Soka Gakkai — movimento leigo do Budismo Nitiren.....	21
I.2.2 A Soka Gakkai no contexto do Budismo Nitiren.....	24
I.3. Daisaku Ikeda e a expansão mundial da Soka Gakkai.....	25

CAPÍTULO II

A ASSOCIAÇÃO BRASIL-SOKA GAKKAI INTERNACIONAL:

ESBOÇO HISTÓRICO E DESENVOLVIMENTO NO BRASIL

II.1 A Soka Gakkai no Brasil — estabelecimento e institucionalização.....	28
II.1.1 Especificidades da estrutura organizacional da BSGI.....	33
II.1.2 A liderança na BSGI.....	35
II.1.3 O processo de conversão na BSGI.....	39

CAPÍTULO III

O DISCURSO PROSELITISTA DOS LÍDERES DA SOKA GAKKAI

SEGUNDO OS PERIÓDICOS DA BSGI

III.1 Os periódicos da BSGI — meios de comunicação para a difusão dos ideais institucionais da BSGI e do Budismo Nitiren.....	46
III.1.1 A importância do estudo da doutrina e dos impressos para a difusão dos ideais da BSGI.....	50

III.1.2 A intensificação das atividades proselitistas a partir de 2009.....	52
III.1.3 Repercussão das atividades proselitistas nas publicações da BSGI.....	54
III.1.4 A retórica da conversão nos periódicos da BSGI.....	54

CAPÍTULO IV

A CONVERSÃO DO PONTO DE VISTA SOCIOLÓGICO E A PESQUISA SOBRE A SOKA GAKKAI

IV.1 Operacionalização da conversão.....	70
IV.1.1 Definições de conversão religiosa.....	70
IV.1.2 Constituintes da conversão religiosa.....	74
IV.1.2.1 O contexto social.....	75
IV.1.2.2 O motivo.....	77
IV.1.2.3 A mudança no universo do discurso.....	79
IV.1.2.4 Mudança de identidade.....	80
IV.2.1 Síntese do antigo paradigma da conversão.....	80
IV.2.2 Síntese do novo paradigma.....	84
IV.2.3 A pesquisa sobre a conversão à Soka Gakkai.....	86

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
----------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	94
--	-----------

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, estudamos a conversão religiosa do ponto de vista da sociologia. Para isso, analisamos diversos textos extraídos dos periódicos da organização leiga budista denominada de Associação Brasil-SGI, ramo brasileiro da Soka Gakkai.

Surgida na década de 1930, no Japão, a Soka Gakkai, da qual derivou sua linha internacional, denominada de Soka Gakkai Internacional, está presente em 192 países e se destaca no universo dos estudos sociológicos da religião porque, sendo considerada como novo movimento religioso oriental, vem apresentando um significativo desenvolvimento no que diz respeito ao seu elevado número de adeptos e por sua intensa campanha de proselitismo, especialmente na última década aqui no Brasil.

Os textos que apresentamos nesta pesquisa registram discursos e mensagens dos líderes dessa organização e outras matérias publicadas em seus periódicos oficiais, os quais desenharam uma imagem de conversão cujas particularidades tornaram-se mais claras no momento em que são confrontadas com a pesquisa sociológica sobre a conversão.

Embora seja uma organização com milhões de integrantes no mundo todo e com representações em praticamente todos os países, a Soka Gakkai continua sendo, ainda hoje, relativamente pouco conhecida entre os brasileiros, principalmente os que se encontram fora dos grandes centros urbanos. No entanto, há décadas que estudiosos vêm se dedicando a pesquisar essa organização budista que no ano de 2013 completou 83 anos de fundação. Sendo assim, a forma como realiza a propagação também é bastante peculiar, uma vez que não se utiliza de nenhum meio publicitário nem das grandes mídias para

atrair mais adeptos, como programas de televisão e propaganda em jornais e revistas de grande circulação.

Constituindo um grupo bastante exclusivo, a BSGI lança mão de publicações próprias para essa finalidade, nem mesmo aceitando o uso de material confessional publicado por outras denominações também budistas. De fato, é altamente não-recomendado que os membros utilizem materiais considerados não-oficiais na realização das atividades.

A organização também atribui grande importância ao estudo dos ensinamentos de Nitiren, pois, embora seja um grupo leigo, essa organização se autodenomina budista uma vez que se fundamenta nos ensinamentos de Nitiren. Como tal, tem se destacado no universo dos estudos científicos da religião por ser um dos grupos que mais cresce dentre os novos movimentos religiosos e também por suas características próprias, o que o distingue dos demais grupos budistas conhecidos.

No primeiro capítulo, apresentamos um breve esboço histórico de Nitiren e falamos também a respeito da Soka Gakkai. Optamos por empregar a grafia Nitiren, pois assim é utilizada nos periódicos da BSGI, mas mantivemos a forma com “ch” (Nichiren) nas citações para manter a fidelidade. Parte da história da vida de Nitiren que apresentamos aqui foi baseada nos textos publicados pela organização leiga budista Associação Brasil-Soka Gakkai Internacional, assim como sobre o Sutra do Lótus, para que o leitor possa se familiarizar com a forma como são apresentadas aos membros desse grupo religioso.

No segundo capítulo, apresentamos a BSGI, filial da Soka Gakkai no Brasil, com sua estrutura e as atividades em prol da conversão de novas pessoas.

No terceiro capítulo, introduzimos o objeto de nossa pesquisa, o discurso proselitista da BSGI, juntamente com uma apresentação dos periódicos dessa organização, os quais são amplamente utilizados como material de divulgação dos ensinamentos do Budismo Nitiren.

No quarto capítulo, apresentamos as recentes pesquisas sociológicas sobre a conversão, mostrando os dois paradigmas nos quais os estudiosos se baseiam: o clássico, que afirma que a conversão é um momento de transformação radical na vida do indivíduo, e o novo, que pressupõe que a conversão constitui um processo gradativo.

CAPÍTULO I

O BUDISMO NITIREN E A SOKA GAKKAI

Até que chegasse ao mundo ocidental, o budismo passou por um complexo desenvolvimento histórico desde seu surgimento com Sakyamuni, na Índia. Em sua difusão, foi introduzido no Sul da Ásia e posteriormente chegou às terras japonesas, passando antes pela Coréia e pela China. No Japão, desenvolveu-se em diferentes escolas até que surgiu, por volta do século XIII, a escola Nitiren, fundada pelo monge de mesmo nome que é considerado pelos estudiosos do budismo como um de seus reformadores.

Neste capítulo, apresentaremos um breve esboço do estabelecimento do Budismo Nitiren, que teve origem no Japão, já que o objeto deste trabalho se baseia exclusivamente nos ensinamentos de Nitiren, que por sua vez se fundamenta no Sutra de Lótus, uma das principais contribuições de Sakyamuni.

A seguir, apresentaremos a Soka Gakkai, uma organização leiga budista que surgiu no Japão na primeira metade do século XX e teve uma grande expansão mundial a partir da década de 1960.

I.1 Budismo Nitiren — contexto sócio-histórico e biográfico de seu fundador

Por volta do século VI, o budismo foi introduzido no Japão e se propagou graças aos comerciantes chineses e coreanos que ali atuavam

(Hanayama 2007:141), mas foi bem mais adiante, no século XIII, que surgiu Nitiren, apresentando uma nova forma de vida religiosa:

Desde a introdução do budismo no Japão, no século VI, ele fora aceito tanto como uma ferramenta política quanto como meio de se alcançar a salvação individual; tanto como um meio de melhorar este mundo como um meio de se alcançar uma condição melhor na próxima vida. Diversos sutras, inclusive o Sutra do Lótus, eram conhecidos como “sutras de proteção da nação” (*chingo kokka kyo*). Cada um desses sutras promete a proteção de vários deuses ao país que reverencia o sutra. Nichiren sonhava com a ascensão de um governante ideal, um sábio budista-confuciano que acreditasse no Darma e que conduziria o país até a fé. Para ele, duas obrigações se uniam: o dever confuciano de colocar sua sabedoria a serviço do governante e o caminho do bodisatva de trabalhar pela salvação de todos. Ele pôs-se a compor um memorial para o xogunato, no qual recomendaria o sutra da proteção da nação que prometia ser o mais eficaz para a época: o Sutra do Lótus. (Rodd 2007: 254–255)

Nitiren apresentava assim uma nova proposta de prática do budismo.

Nascido em 16 de fevereiro de 1222 numa família de pescadores, o nome original de Nitiren era Zennitimaro. Zenniti significa “sol esplêndido” e Maru quer dizer “menino pequeno”. Entrou com a idade de 12 anos para um templo Tendai, no Japão, onde passou a estudar tanto os ensinamentos budistas como também os seculares sob a orientação de um mestre chamado Dozen-bo.

Depois de anos de estudo, durante os quais realizou também atividades de propagação, sendo por causa disso perseguido e atacado pelas autoridades da época, declarou, na manhã do dia 28 de abril de 1253, que a recitação do

Nam-myoho-rengue-kyo, o título do Sutra de Lótus, era o ensinamento capaz de conduzir todas as pessoas à iluminação em sua presente existência. Essa data ficou registrada como o dia da fundação do Budismo Nitiren.

Rentyo adotou então um novo nome, Nitiren, que significa “Lótus do Sol”, e a prática que ele instituiu nessa ocasião, ou seja, a recitação do título do Sutra de Lótus, ou o *Nam-myoho-rengue-kyo*, tornou-se a prática de milhões de pessoas que atualmente seguem seus ensinamentos em todo o mundo como seguidoras de diferentes denominações do Budismo Nitiren.

Seus escritos ficaram registrados nas várias cartas que enviou aos discípulos. Também redigiu diversos tratados. Assim como Sakyamuni, Nitiren estava determinado a ensinar para as pessoas o caminho para levá-las diretamente à iluminação.

Dentre os vários escritos atribuídos a Nitiren, alguns tratados foram entregues aos governantes do Japão na época, como a “Tese sobre o Estabelecimento do Ensino Correto para a Paz da Nação”, datada de 16 de julho de 1260 e entregue ao regente aposentado Hojo Tokiyori, a pessoa mais influente do xogunato na época.

Considerado como um dos escritos mais importantes de Nitiren, ele declara nessa tese que a causa de todos os males e sofrimentos da nação é a prática de ensinamentos que segundo ele eram errôneos.

Depois de retornar de um dos exílios aos quais havia sido condenado, Nitiren passa a viver em retiro numa localidade chamada Monte Minobu, onde se dedica a escrever para os discípulos e a fazer preleções sobre o Sutra de Lótus. A firme fé que Nitiren adquirira no Sutra de Lótus, decorrente dos estudos que realizara até então, fez com que ele assumisse uma posição contrária e fechada com relação aos demais ensinamentos da época, denominando-os de heréticos e errôneos (Pereira 2001) e de causadores do

sofrimento da nação. Sua posição exclusivista fez com que as perseguições contra ele se intensificassem cada vez mais.

Ele chegou até mesmo a se recusar a admitir a possibilidade de que outras formas de budismo continuassem a existir, tamanha havia se tornado sua posição contrária a outros ensinamentos (Rodd 2007: 254).

Para que o seguidor pudesse atingir o objetivo máximo da prática budista, que era alcançar o estado de iluminação, seria preciso abandonar toda e qualquer prática que não estivesse ligada ao Sutra do Lótus, pois

Nichiren acreditava que a iluminação era possível para todos os seres, porque eles precisam reconhecer sua própria natureza e, em resultado disso, o mundo em que esses seres vivem — este mundo — pode se transformar no paraíso. Ele interpretava o *sokushin jobutsu* em uma dimensão ampla, dizendo com frequência a seus seguidores que a nação podia se tornar o paraíso, se todos os seus cidadãos se voltassem para o *Lótus* e seus ensinamentos. Por outro lado, sentia ser essencial que todas as outras fés e práticas fossem deixadas de lado para se alcançar esse fim. (Ibid.: 251)

Em outubro de 1279, após alguns de seus seguidores terem sido mortos num ataque, Nitiren decide cumprir o propósito maior de sua vida, que é a inscrição do objeto de devoção que iria deixar para toda a posteridade: o *Dai-Gohonzon*.

Gohonzon significa “objeto de devoção”. Em japonês, *go* é um prefixo honorífico e *honzon* significa “objeto de respeito fundamental” (Matsuda 1983: 141). *Dai* significa “supremo” ou “grande” (Santos 2004: 96). Atualmente, os praticantes do Budismo Nitiren recebem uma cópia desse mandala para ser

consagrado num oratório em sua residência, diante do qual realizam a prática diária de recitação do mantra *Nam-myoho-rengue-kyo*. (Ver Anexo I)

Segundo a doutrina do Budismo Nitiren, é por meio da recitação do *Nam-myoho-rengue-kyo* que seus praticantes têm a possibilidade de atingir a iluminação na presente existência, conforme as palavras de Nitiren no escrito intitulado “Sobre Atingir o Estado de Buda nesta Existência”.

Redigido no ano de 1255, Nitiren apresenta nesse escrito uma analogia entre a vida do mortal comum e um espelho embaçado, explicando que com a recitação do *Nam-myoho-rengue-kyo* é possível desembaçar o espelho, ou seja, dissipar as dúvidas da mente envolta pela ilusão, e compreender a realidade de sua natureza essencial, tornando-se assim iluminada.

Nichiren via o destino do indivíduo como inseparavelmente vinculado ao destino da sociedade. Seu esforço por compreender o mundo ideal se baseava na noção de que o mal e os sofrimentos da sociedade poderiam ser reduzidos ao mal e aos sofrimentos do indivíduo e vice-versa. Se os indivíduos pudessem ser salvos, o resultado seria uma sociedade perfeitamente harmoniosa. Alcançar a iluminação budista com este corpo e tornar este mundo a ideal Terra do Buda: esse ensinamento ampliava a esperança de salvação de modo a incluir os que estavam fora da igreja estabelecida, inclusive os guerreiros, os homens do campo das classes inferiores e as mulheres, uma vez que reduzia a distinção entre sacerdotes e leigos. (Rodd 2007: 258–259)

A intenção de Nitiren era portanto fazer com que o Sutra do Lótus fosse expresso de uma forma que todas as pessoas pudessem praticá-lo ao expor a invocação do *Nam-myoho-rengue-kyo*, que é o título do Sutra do Lótus, como o

ensinamento para que todos pudessem recitar e por meio do qual tivessem a possibilidade de alcançar a iluminação na presente existência.

Nitiren faleceu em 13 de outubro de 1282, na presença de seus discípulos e seguidores, após nomear seu sucessor, Nikko Shonin.

I.1.1 O Sutra do Lótus como texto fundamental do Budismo Nitiren

O Sutra do Lótus, que Nitiren considerou como um dos mais importantes escritos do budismo, foi também o ensinamento no qual outros mestres budistas se basearam para fundamentar suas respectivas doutrinas. Trata-se de uma obra de grande relevância para o Budismo Nitiren.

Tient'ai, Dengyo e Nitiren basearam-se no Sutra de Lótus para afirmar que todas as pessoas tinham o potencial para atingir a iluminação. Já Nitiren utilizava-se de muitas frases e parábolas do Sutra do Lótus, apresentando-as numa linguagem mais simplificada e fazendo com que os ensinamentos contidos nesse sutra se tornassem mais acessíveis e de fácil compreensão para as pessoas comuns, já que a maioria das pessoas da época era iletrada.

Dentre os ensinamentos de Sakyamuni, o Sutra do Lótus integra o cânone do Budismo Mahayana e é também considerado por algumas tradições budistas como o mais importante de todos os sutras, expressando em seu conteúdo a própria iluminação do Buda Sakyamuni.

Acredita-se que o Sutra do Lótus tenha sido compilado por volta dos séculos I e II, aproximadamente cinco a seis séculos após o falecimento de Sakyamuni. Também é provável que tenha sido originariamente formulado em algum dialeto local da Índia ou da Ásia central. Posteriormente, foi traduzido

para o sânscrito e a versão mais conhecida atualmente é a tradução para o chinês realizada por Kumarajiva em 406 E.C.

Acredita-se que tenham sido feitas seis traduções do Sutra do Lótus para o chinês, das quais três são conhecidas nos dias de hoje: a primeira delas é a tradução realizada por Dharmaraksha, escrita no ano de 286 em dez volumes e 27 capítulos; a outra é a de Kumarajiva, realizada por volta de 406, em 28 capítulos; e por fim a tradução de Jisanagupta e Dharmagupta, de 601, escrita em sete volumes e 27 capítulos.

A tradução de Kumarajiva é considerada como a melhor de todas; foi essa versão que popularizou o Sutra do Lótus na China e nas regiões que mantinham relações com esse país.

O título do Sutra do Lótus em sânscrito, pelo qual ele é muito difundido no Ocidente, é *Saddharma-pundarika-sutra*, sendo que *saddharma* significa “boa lei”. *Sat* ou *sad*, de *saddharma*, quer dizer “verdadeiro, real, genuíno, autêntico”; “existir”; e *dharma* refere-se à “doutrina ou ensinamento”; “verdade”; “essência real dos fenômenos”. A junção dos dois termos leva ao significado mais aproximado de “verdade absoluta”.

Pundarika significa “lótus branco”. Quando se unem os dois termos, tem-se o significado de “Lótus Branco da Verdade Absoluta”.

No budismo, a flor de lótus significa a pureza em meio à impureza e representa, portanto, a iluminação que ocorre em meio às questões seculares e ao sofrimento da vida. A flor de lótus passou a representar, assim, a iluminação devido ao fato de ser uma flor pura e imaculada, apesar de crescer em águas lamacentas.

O Sutra do Lótus divide-se em 28 capítulos, escritos tanto em prosa como em verso. A versão de Kumarajiva para o chinês, considerada como a mais

importante, intitula-se *Myoho-rengue-kyo*. Os 28 capítulos da versão de Kumarajiva estão divididos em duas partes, sendo que a primeira metade é considerada como ensinamento teórico e a segunda, como ensinamento essencial, pois é na segunda metade, mais especificamente no 16º capítulo, intitulado “Revelação da Vida Eterna do Buda”, que Sakyamuni apresenta o significado de sua iluminação. Esse é considerado no Budismo Nitiren como o capítulo mais importante do Sutra do Lótus, como veremos mais adiante.

Acredita-se que o Sutra do Lótus tenha sido escrito em dois tipos de sânscrito, denominados de “puro” e de “híbrido budista”. O puro segue as regras estabelecidas pelo gramático Panini (c. 520 a.E.C.–c. 460 a.E.C.), que apresentou uma teoria abrangente e científica da fonética, da fonologia e da morfologia da língua sânscrita, ao passo que o híbrido budista mistura o sânscrito com o prácrito, dialeto popular da Índia antiga.

Na tradução de Kumarajiva, o Sutra do Lótus está dividido em vinte e oito capítulos e o texto apresenta-se em prosa (sânscrito puro) e em verso (híbrido budista). Os versos tinham a finalidade de ajudar na memorização, e é provável que a parte em prosa tenha sido acrescentada posteriormente para dar continuidade à narrativa.

De acordo com o Sutra do Lótus, há no budismo cinco tipos de práticas, que são abraçar ou seguir o ensinamento, ler, recitar, ensinar e transcrever o sutra. Ler e ensinar eram práticas para poucas pessoas, pois em tempos idos somente os intelectuais e eruditos tinham a possibilidade de se alfabetizar, e assim a grande maioria das pessoas não sabia ler nem escrever.

Então, no século XIII, Nitiren mudou essa perspectiva ao apresentar uma nova forma de prática do budismo, mostrando para as pessoas que elas podiam também abraçar o Sutra do Lótus, colocando em prática todos os seus ensinamentos por meio da recitação de seu título, *Nam-myoho-rengue-kyo*.

Assim, todos, independentemente de gênero, de classe social ou de conhecimentos acadêmicos, passaram a ter acesso a essa prática simples e acessível, fato que representou uma verdadeira inovação para a época.

Nitiren postulou que a iluminação não estava mais reservada somente para algumas pessoas iniciadas e que podiam realizar difíceis práticas ascéticas, pois a prática da recitação do título do Sutra do Lótus instituída por ele aproximaria as pessoas comuns da possibilidade de atingir a iluminação.

Essa forma de apresentação do budismo possibilitou que seu desenvolvimento assumisse a forma de um budismo institucional mais engajado na sociedade, conforme veremos no capítulo a seguir, que tratará da organização leiga budista Soka Gakkai, fundamentada na doutrina de Nitiren.

I.2 Evolução institucional do Budismo Nitiren

I.2.1 A Soka Gakkai — movimento leigo do Budismo Nitiren

A Soka Gakkai é uma organização que baseia todas as suas atividades nas doutrinas e nos ensinamentos do Budismo Nitiren. No Brasil, essa organização se denomina Associação Brasil-SGI e tem milhares de adeptos em todo o país.

Originariamente uma organização educacional, a Soka Gakkai foi fundada no dia 18 de novembro de 1930. Sua primeira denominação foi Soka Kyoiku Gakkai, ou seja, Sociedade Educacional para a Criação de Valores. Seu fundador, Tsunessaburo Makiguti, era educador. Atuou como professor numa época em que a educação se embasava num rígido sistema de ensino.

Quando posteriormente entrou em contato com o Budismo Nitiren e adotou seus ensinamentos, passou a aplicar seus fundamentos a uma nova visão da educação. Apoiou-se em sua teoria da educação criativa para a construção de uma vida baseada em valores positivos e humanistas (Makiguti 2002). Aí se encontra a base para o início dessa organização: Makiguti lançou o livro *Soka Kyoikugaku Taikei* (Sistema Educacional para a Criação de Valores), no qual tratava sobre a teoria da criação de valores e falava sobre a importância da educação e da religião (Ozaki 1990:72). Portanto, as origens da Soka Gakkai se encontram numa base essencialmente educacional.

A Soka Gakkai é considerada por muitos estudiosos da religião como um novo movimento religioso de origem japonesa e como tal se baseia exclusivamente nos ensinamentos do Budismo Nitiren, apresentando também uma ampla capacidade de adaptação conforme as diferentes culturas nas quais se inseriu ao longo dos 52 anos decorridos a partir de 1960, quando começou sua expansão pelo mundo sob a liderança de Daisaku Ikeda, então presidente da organização.

No início de suas atividades, a Soka Gakkai passou por muitos percalços, principalmente durante o período da Segunda Guerra Mundial, o qual coincide com os primeiros anos da organização, e também nos anos seguintes. Com o falecimento de Makiguti na prisão — para onde ele fora levado por ter se mantido firme em sua posição contrária ao governo autoritário japonês, que queria obrigar todo o povo a seguir a religião do Estado —, Jossei Toda, seu discípulo, assumiu plena liderança da organização depois de sua libertação após o término da guerra.

Assim que foi libertado, Jossei Toda procurou difundir os ensinamentos de seu mestre Makiguti e passou a empreender esforços para reconstruir a

organização. Assim, fez com que a Soka Gakkai se reerguesse das cinzas da guerra e desse um grande impulso em seu desenvolvimento nos anos seguintes.

Recomeçando praticamente do zero, Jossei Toda reestruturou a Soka Kyoiku Gakkai (Sociedade Educacional para a Criação de Valores). Primeiramente, definiu a realização de uma alteração na própria denominação do grupo. Assim, a organização passou a intitular-se Soka Gakkai, ou organização para a criação de valores, deixando de lado seu caráter puramente educacional.

Os membros remanescentes, juntamente com Jossei Toda, partiram em busca do resgate dos demais integrantes que haviam se afastado da organização por temerem a perseguição militar na época da guerra e também pela própria condição bélica em que a sociedade japonesa estava mergulhada, dando então início a uma campanha proselitista que foi se tornando cada vez mais intensa. A partir daí, novos adeptos foram sendo conquistados e passaram a integrar o quadro de membros do movimento.

Quando a Gakkai deixou de ser um grupo educacional, passando a ser um movimento religioso budista, seu apelo proselitista também se intensificou ainda mais. O próprio Toda manifestou sua decisão, ao assumir a liderança da organização em 3 de maio de 1951, de fazer com que o número de adeptos se multiplicasse. Assim, quando de seu falecimento, o movimento já havia atingido a marca dos 750 mil membros no Japão (Ozaki 1990: 72).

Trata-se de uma organização religiosa de caráter essencialmente leigo. Esse é um importante aspecto que caracteriza a Soka Gakkai, que não aceita nenhuma outra forma de culto, rito, oração ou texto doutrinário que não esteja relacionado à doutrina de Nitiren, constituindo nesse sentido um grupo altamente exclusivista. Essa postura voltada para o exclusivismo se mantém em todos os países onde a organização está constituída.

I.2.2 A Soka Gakkai no contexto do Budismo Nitiren

Conforme já mencionado em tópicos anteriores, Nitiren estabeleceu a recitação do título do Sutra de Lótus em japonês, *Nam-myoho-rengue-kyo*, como a prática por meio da qual seus discípulos poderiam atingir o estado de Buda, ou a iluminação. Essa prática foi também adotada pela Soka Gakkai, assim, todos os seus membros, em diferentes partes do mundo, realizam diariamente a recitação do mantra *Nam-myoho-rengue-kyo* diante de um altar familiar no qual está consagrado o *Gohonzon*, seu objeto de devoção.

Desde seus primórdios, a Gakkai já se fundamentava em campanhas proselitistas para se difundir em meio à sociedade. É justamente por causa da alta relevância que dá às campanhas de conversão que essa organização budista tem chamado a atenção dos estudiosos do campo da sociologia da religião.

A Gakkai teve um desenvolvimento considerável no final dos anos 1940 e durante a década de 1950 sob a liderança rigorosa de Jossei Toda (Pereira 2001, Santos 2009). Sendo também educador, Jossei Toda conhecia a importância de criar jovens valorosos e conscientes de sua importante missão como agentes ativos no desenvolvimento da sociedade. Assim, direcionou seus esforços na realização de atividades voltadas para o desenvolvimento dos jovens japoneses, que naquela época viviam a vida de incertezas que era fruto da guerra que acabara havia tão pouco tempo. Assim, a organização foi sendo reestruturada com base nos ensinamentos do Budismo Nitiren, com Jossei Toda promovendo reuniões de estudo da doutrina Nitiren em diferentes localidades do Japão.

A razão para a mudança do nome da organização, excluindo o termo “Educativo”, estava na intenção de Toda de fazer com que a Soka Gakkai se engajasse mais ativamente na arena cultural, tendo como propósito realizar

atividades que promovessem a paz mundial, deixando dessa forma de ser uma instituição unicamente educacional e passando a firmar-se como um grupo religioso voltado não somente para as questões espirituais, mas também para o aprimoramento filosófico e cultural de sua membresia.

Depois de onze anos à frente da Soka Gakkai, Jossei Toda faleceu e deixou como sucessor Daisaku Ikeda. Nas mãos de Ikeda, a Gakkai iniciou uma fase de grande expansão, não apenas no Japão mas também, a partir de 1960, em todo o mundo. Oficialmente, Daisaku Ikeda é o fundador da filial brasileira da Soka Gakkai.

I.3 Daisaku Ikeda e a expansão mundial da Soka Gakkai

Nascido a 2 de janeiro de 1928 em Tóquio, capital do Japão, Daisaku Ikeda teve infância e adolescência sofridas, em meio ao caos da guerra, e encontrou o budismo aos 19 anos, quando participou de uma reunião de estudo do budismo promovida por membros da Soka Gakkai.

Conheceu nessa ocasião Jossei Toda, então segundo presidente da Soka Gakkai, e a partir desse encontro passou a se dedicar inteiramente às atividades dessa organização. Começou a trabalhar e a estudar juntamente com Toda, e posteriormente, com o falecimento de Toda, assumiu a liderança da Soka Gakkai em maio de 1960.

Conduziu a organização a um amplo desenvolvimento no Japão, promovendo atividades com a participação de milhares de pessoas, o que fazia com que o grupo estivesse sempre na mira das autoridades da época.

Em outubro de 1960, partiu para sua primeira viagem internacional para difundir os ensinamentos de Nitiren e o pensamento de seu mestre Jossei Toda. Nessa viagem inicial, ele passou por Estados Unidos, Canadá, México e Brasil e um dos propósitos principais era consolidar a Soka Gakkai em países do Ocidente. Já havia membros da Soka Gakkai que se encontravam nos referidos países trabalhando como imigrantes. Sendo assim, a primeira viagem serviu para fundar pequenas células para que os membros da organização pudessem se encontrar e estudar os princípios que norteavam o grupo.

A partir desses primeiros núcleos, a membresia foi aumentando aos poucos, ultrapassando em alguns países a casa dos milhares.

Ikeda é reconhecido mundialmente como poeta e filósofo e seus discursos e escritos são amplamente utilizados nos meios de comunicação da Soka Gakkai como material de estudo da doutrina do Budismo Nitiren.

Durante vários anos, ele se dedicou a viajar por diferentes países não apenas para encontrar-se com os membros da organização como também em busca do diálogo inter-religioso. Intelectuais e estudiosos de diversos campos, e também políticos e chefes de Estado também o procuram, quando em viagem ao Japão, para dialogar sobre a filosofia budista e outros assuntos.

Grande parte desses diálogos foram publicados em livro e traduzidos para vários idiomas. Se acrescentarmos à produção literária e poética as dissertações sobre os escritos de Nitiren, os poemas dedicados aos membros da Soka Gakkai, os discursos e mensagens com a mesma finalidade, poderemos concluir que sua produção escrita é não somente bastante elevada como também amplamente diversificada, já que em seus escritos Ikeda trata de diferentes temas.

No entanto, a grande maioria de toda essa obra intelectual ainda não tem tradução para a língua portuguesa, o que significa que os membros da filial

brasileira da Soka Gakkai que não são falantes de japonês estão muito distantes de conhecer toda a produção intelectual de seu próprio líder espiritual.

Já há vários títulos editados principalmente em língua inglesa. Porém, a maior parte dos escritos de Ikeda no idioma português se restringem aos discursos proferidos nas reuniões da Soka Gakkai no Japão, os quais são traduzidos para diversos idiomas e publicados nos periódicos de cada filial da organização. Assim sendo, a obra poética de Daisaku Ikeda, reconhecida em muitos países, continua praticamente desconhecida dos membros brasileiros da Soka Gakkai.

Fora dos meios da Soka Gakkai, uma única editora brasileira se dispôs até hoje a editar suas obras em língua portuguesa, mas esse esforço se restringiu a apenas alguns livros, não tendo depois continuidade nas publicações.

No próximo capítulo, conheceremos o percurso que a Soka Gakkai seguiu ao se estabelecer em terras brasileiras.

CAPÍTULO II

A ASSOCIAÇÃO BRASIL-SOKA GAKKAI INTERNACIONAL: ESBOÇO HISTÓRICO E DESENVOLVIMENTO NO BRASIL

No Brasil, a Soka Gakkai tornou-se um dos maiores grupos budistas do país, assumindo aqui a denominação de Associação Brasil-Soka Gakkai Internacional, BSGI.

Neste capítulo, falaremos sobre a chegada da Soka Gakkai ao Brasil e a expansão desse grupo em território nacional.

II.1 A Soka Gakkai no Brasil — estabelecimento e institucionalização

O ano de 1960 marca o mesmo ano em que Daisaku Ikeda assumiu como terceiro presidente da Soka Gakkai. Em outubro desse mesmo ano, Ikeda partiu para uma viagem internacional com a finalidade de fundar comunidades budistas fora do Japão para difundir mais amplamente a mensagem de Nitiren e os fundamentos e princípios que norteavam a Soka Gakkai. Nessa primeira visita ao exterior, ele se dirigiu aos Estados Unidos, ao Canadá e depois ao Brasil.

Nas localidades por onde passou, já havia membros da Soka Gakkai, embora essas pessoas ainda não estivessem constituídas formalmente como grupo e por isso ainda não realizassem nenhum tipo de atividade religiosa.

Também no Brasil já havia membros da Gakkai, os quais haviam chegado juntamente com as levadas de imigrantes que haviam aportado no País. Esses praticantes ainda não estavam organizados institucionalmente, apenas tinham em sua casa o altar com o *Gohonzon* consagrado, realizavam sua prática individual e familiar, mas não empreendiam ainda nenhuma atividade de proselitismo para ampliar o número de membros da Soka Gakkai.

Ikeda chegou ao Brasil no dia 19 de outubro de 1960 e no dia seguinte, 20 de outubro, realizou um primeiro encontro com esses membros da organização, com a presença de pessoas provenientes de diversas localidades de São Paulo.

A data da chegada de sua comitiva, e não aquela em que foi realizada a primeira reunião, é que ficou estabelecida oficialmente como o dia da fundação da Soka Gakkai no Brasil — e é por essa razão que essa organização budista celebra sempre em 19 de outubro de cada ano sua data de fundação. Na época, a entidade recebeu o nome de Sociedade Religiosa Nitiren Shoshu do Brasil.

Seguindo fielmente os direcionamentos vindos do Japão, a organização brasileira era no início essencialmente japonesa, uma vez que a maior parte de seus integrantes era formada por japoneses que estavam residindo no Brasil — imigrantes que pouco ou nada conheciam da língua portuguesa. Assim, todas as reuniões da Gakkai eram realizadas no idioma japonês e os primeiros brasileiros que começaram a participar dessas reuniões nos anos iniciais da organização enfrentavam dificuldades para compreender o que era transmitido nessas atividades.

Posteriormente, com o ingresso cada vez maior de brasileiros natos no quadro oficial de membros, essa característica nipônica foi diminuindo lentamente. Por exemplo, naqueles primeiros anos, embora o fato de todas as atividades da Soka Gakkai no Brasil serem faladas no idioma japonês, o que representava um fator que poderia dificultar a participação de brasileiros, isso

não impediu que o budismo despertasse a atenção dessas pessoas e fizesse com que elas manifestassem o desejo de assistir às reuniões e de fazer parte dessa organização religiosa, embora não compreendessem uma única palavra do que estava sendo dito.

Com o passar do tempo, os japoneses que conseguiam se comunicar nos dois idiomas começaram a ajudar os brasileiros fazendo a tradução do que era falado pelos dirigentes. Assim, a mudança de reuniões faladas em japonês para reuniões totalmente em língua portuguesa foi se concretizando de forma natural, ao longo dos anos.

Mesmo assim, no ramo brasileiro da Soka Gakkai ainda são empregados nos dias atuais muitos termos em língua japonesa, uma vez que esses termos, ao serem traduzidos para o idioma português, não encontram equivalentes adequados que transmitam seu real significado. Esses termos estrangeiros são amplamente utilizados nos impressos oficiais da organização.

Hoje em dia, a liderança central da Soka Gakkai no Brasil ainda se encontra nas mãos de japoneses natos ou de pessoas de ascendência japonesa. No entanto, a maior parte dos demais líderes, aqueles que se encontram no segundo escalão de liderança e abaixo, e também a maioria dos membros, são brasileiros natos (Nakamaki 1994).

A Soka Gakkai cresceu no Brasil adotando o mesmo modelo de propagação que no Japão e em outros países: o do *Chakubuku*, método de propagação do budismo que busca primeiro refutar as visões anteriores da pessoa, fazendo com que ela adote o ensinamento budista e assim alcance a iluminação, em oposição a *Shoju*, considerado como um método mais brando de disseminação dos ensinamentos budistas.

A Soka Gakkai, que no Brasil se denomina atualmente como Associação Brasil-Soka Gakkai Internacional (BSGI), passou a se destacar no campo budista

brasileiro como um caso bastante particular justamente pela questão da conversão e do proselitismo empregado especialmente nos anos recentes, uma vez que esse grupo vem realizando frequentes campanhas entre a membresia para atrair novos adeptos.

Isso não significa que em seus primeiros anos não houvesse proselitismo. A diferença é que, no início, os membros não dispunham dos meios que hoje têm em mãos para propagar o movimento da Soka Gakkai.

Nos primórdios da organização no Brasil, os praticantes eram em sua maioria imigrantes japoneses. Somente com o passar do tempo é que muitos brasileiros passaram a integrar o quadro oficial de membros. Porém, essas pessoas não tinham projeção na sociedade. Tratava-se de indivíduos comuns que no decorrer de sua labuta diária também dedicavam algumas horas para realizar a prática budista. Depois, com o crescimento da organização e sua abertura para a sociedade brasileira, e também com o desenvolvimento dos meios de comunicação e o advento da internet, a organização atual procura se utilizar amplamente desses meios para divulgar sua mensagem entre os brasileiros.

A BSGI passou por diferentes momentos ao longo de seu desenvolvimento e em todos eles a questão proselitista se destaca. É possível distinguir uma classificação histórica delineada por Pereira (2001) para estabelecer os períodos de desenvolvimento da BSGI.

Sua classificação diverge do que a própria organização estabelece como períodos de sua história, dividindo-os de duas formas: uma delas se baseia na gestão de seus presidentes (Pereira 2001: 253) e a outra está fundamentada nas quatro visitas realizadas por Daisaku Ikeda ao Brasil, nos anos de 1960, 1966, 1984 e 1993 (*Terceira Civilização* 2012). Pereira, no entanto, amplia esse espectro, retrocedendo-o ao período anterior à chegada de Ikeda ao Brasil, na época em

que famílias de imigrantes vieram ao País para trabalhar trazendo consigo os ensinamentos de Nitiren. Assim, segundo Pereira (2001: 254), a história da BSGI divide-se em quatro períodos distintos, que são o (1) período pioneiro (década de 1950); (2) o período de organização e de legalização (1960–1966); (3) o período de expansão (1966–1991) e (4) o período de transição e consolidação (1991 até 2001).

Avançando nessa demarcação cronológica estabelecida por Pereira, é possível incluir um quinto período, ou fase, que vai de 2001 até o momento atual, quando a BSGI definitivamente se estabeleceu na sociedade brasileira, abrindo-se ainda mais à promoção de atividades voltadas ao público em geral, como exposições e palestras, com vistas a difundir o pensamento de Daisaku Ikeda. A esse período daremos o nome de período de abertura e expansão.

Do ano de 2001 em diante, a BSGI, deu continuidade a sua expansão pelo território brasileiro. Adotando uma perspectiva mais pragmática, apresentaremos algumas questões estruturais relativas à BSGI para que a compreensão desse movimento se torne mais clara.

Independentemente de qual tenha sido o período, é importante salientar que o discurso para atrair novos membros para a organização sempre esteve presente no ambiente das atividades da BSGI, tanto em seus periódicos como no âmbito de suas atividades e em todos os níveis hierárquicos e geográficos.

É importante destacar novamente que a BSGI adota como princípio básico a prática da doutrina do Budismo Nitiren. Assim, antes de tratarmos do tema deste trabalho, que versa sobre o discurso proselitista dos líderes da BSGI, precisamos mostrar como se estrutura essa organização, sua hierarquia de liderança e a formação dos dirigentes, que tipos de atividades realiza e como se realiza a conversão a esse movimento.

II.1.1 Especificidades da estrutura organizacional da BSGI

A BSGI possui uma divisão hierárquica bem delimitada, a qual foi estabelecida com base na mesma hierarquia adotada pela sede no Japão. Essa divisão se desenvolveu com o passar dos anos e com a inclusão dos grupos por gênero e por idade. Provavelmente, Jossei Toda se baseou numa lógica empresarial ao formatar esse tipo de divisão organizacional, uma vez que ele próprio era empresário (Santos 2009). De toda forma, a BSGI divide-se em vários níveis hierárquicos.

Há uma divisão geográfica de todo o território nacional em coordenadorias. Assim, temos primeiramente a liderança central da BSGI, formada pelos líderes centrais, e depois os coordenadores, que são aqueles que se responsabilizam pelas quatro coordenadorias atuais: a Coordenadoria da Cidade de São Paulo, que abrange a capital paulista e algumas cidades que fazem parte da Grande São Paulo; a Coordenadoria dos Municípios de São Paulo, formada pelos municípios que não integram a Grande São Paulo; a Coordenadoria do Rio de Janeiro, que envolve todo o estado fluminense, e a Coordenadoria das Regiões Estaduais, abrangendo todos os demais estados da federação.

Cada coordenadoria, por sua vez, divide-se em regiões estaduais, por exemplo, Região Estadual Sudeste 1 e Região Estadual Sudeste 2. As regiões estaduais se subdividem em regiões metropolitanas, e posteriormente em áreas, regionais, distritos, comunidades e blocos. O mesmo acontece com as outras coordenadorias. No entanto, na Coordenadoria da Cidade de São Paulo a subdivisão geográfica é a seguinte: região metropolitana, regional, distrito, comunidade e bloco. Neste caso, não há o nível de área.

A divisão é geográfica porque se define de acordo com a localidade, ou o bairro onde se encontra o maior número de membros. Por exemplo, na Coordenadoria da Cidade de São Paulo há a Subcoordenadoria Norte, que congrega todos os membros moradores dessa área da capital paulista, abrangendo os bairros de Santana, Vila Maria, Casa Verde e Jaçanã. Esses bairros dão nome às respectivas regiões metropolitanas que reúnem os moradores dessas localidades.

Cada uma dessas regiões metropolitanas se subdivide por sua vez nas regionais. Tomando o exemplo da Região Metropolitana Jaçanã, que leva também o nome desse bairro da Zona Norte de São Paulo, temos a subdivisão em quatro regionais, sempre de acordo com os bairros. Assim, temos as Regionais Jaçanã, Tremembé, Sezefredo e Horto Florestal. Seguindo a mesma lógica, cada uma das regionais pertencentes à Região Metropolitana Jaçanã têm por sua vez os respectivos distritos, que se subdividem em comunidades e blocos.

Tomando o exemplo da Regional Jaçanã, temos os Distritos Jaçanã, Guapira e Vila Nilo. O Distrito Jaçanã se divide em duas comunidades, Jaçanã e Adoniran, e essas comunidades têm cada uma seus respectivos blocos. No caso da Comunidade Jaçanã, os blocos são Paulo Lincoln e Trem das Onze.

As unidades organizacionais menores da BSGI recebem nomes de logradouros públicos mais importantes do bairro, podendo ser o próprio nome do bairro ou de uma rua principal, uma avenida ou uma praça, ou mesmo o nome da rua onde mora o líder central dessa célula organizacional. Esse tipo de subdivisão estrutural das organizações da BSGI é adotado em todo o Brasil.

II.1.2 A liderança na BSGI

Cada uma dessas unidades geográficas tem quatro níveis de liderança. São os responsáveis por cada divisão. Essas subdivisões são as seguintes: Divisão Sênior, formada por homens, casados ou não; Divisão Feminina, formada por mulheres casadas ou que já se tornaram mães, independentemente da idade; Divisão Masculina de Jovens, integrada por rapazes solteiros ou não; Divisão Feminina de Jovens, da qual fazem parte exclusivamente moças solteiras e, por fim, Divisão dos Estudantes, formada por estudantes dos 6 aos 16 anos. Essa divisão se constitui pela Divisão do Futuro, com crianças de 6 a 9 anos; Divisão da Esperança, dos 10 aos 13 anos, e Divisão dos Herdeiros, dos 14 aos 16 anos, acompanhando o nível educacional vigente no sistema escolar brasileiro. Além disso, há também a Divisão dos Jovens, formada pela junção da Divisão dos Estudantes, pela Divisão Feminina de Jovens e pela Divisão Masculina de Jovens.

A liderança de cada unidade geográfica é formada sempre por quatro pessoas, ou líderes das quatro divisões (Sênior, Feminina, Masculina de Jovens e Feminina de Jovens), sendo que todos participam das decisões a serem tomadas visando ao desenvolvimento da localidade, embora essa divisão hierárquica seja ainda patriarcal, uma vez que o líder da Divisão Sênior detém a responsabilidade pelas demais divisões (Santos 2001) e, em muitos casos, também a palavra final sobre as decisões a serem tomadas referentes às atividades ou nomeações de líderes.

Cada nível de liderança tem suas atribuições específicas, e para ser nomeado como líder o “candidato” precisa preencher alguns pré-requisitos. Não existe, no âmbito da Soka Gakkai, disputa por cargos nem compra de votos para assumir cargos de liderança, uma vez que a organização segue normas

rigorosas para a indicação e nomeação dos líderes em cada unidade geográfica. Os dirigentes têm autonomia para oficializar essas nomeações, desde que sigam essas normas, vigentes para as organizações de todo o Brasil.

Assim, em cada localidade há o que se denomina de Conselho de Nomeação de Dirigentes. Mas, antes de mais nada, cumpre salientar uma característica peculiar no que diz respeito à indicação e nomeação de dirigentes nessa organização budista: as indicações nunca são feitas pelos dirigentes imediatos, mas sim pelo primeiro nível superior a esse, justamente para que não haja a manifestação de sentimentalismos ou de preferências por amizade ou por grau de parentesco. E nunca os líderes de um determinado nível hierárquico poderão indicar, e tampouco oficializar a nomeação, de um outro líder de seu mesmo nível hierárquico para atuarem juntos numa mesma unidade organizacional, independentemente de qual seja ela.

Por exemplo, para a nomeação de líderes de comunidade, os dirigentes imediatamente acima, que são os líderes de distrito, não participam do chamado estudo de proposta, que é a ocasião em que serão analisadas as condições e as possibilidades de indicação para os líderes desse nível hierárquico. Participam desse estudo de proposta apenas os dirigentes de regional, que primeiramente fazem a análise e depois apresentam a proposta de nomeação aos líderes de região metropolitana, para que seja feito então um estudo mais aprofundado dessas indicações.

Após isso, realiza-se uma visita na residência do potencial candidato a dirigente. Essa visita tem como propósito conscientizá-lo sobre a importância da função que irá assumir, bem como apresentar-lhe quais serão suas atribuições. Depois da visita, é realizada uma entrevista, quando todos os candidatos indicados devem comparecer. Nesse dia, os líderes responsáveis

pela nomeação farão algumas perguntas e, sendo aprovado, o candidato passa a assumir a função indicada.

Para ser nomeado, o candidato precisa ter primeiramente uma postura exemplar não apenas no âmbito das atividades da organização como também na sociedade. Além disso, é preciso que essa pessoa participe ativa e regularmente das atividades promovidas pela organização, que tenha promovido a conversão de outras pessoas, que seja assinante dos periódicos, entre outras atribuições.

Ser um membro ativo da BSGI significa que a pessoa participa da reunião de palestra e de outras reuniões realizadas no bairro onde mora, que é assinante do jornal *Brasil Seikyo*, que realiza diariamente as orações diante de seu altar familiar, que participa das contribuições em dinheiro realizadas periodicamente pela organização para levantar fundos para a realização e a promoção de suas atividades e a manutenção das diversas sedes espalhadas por todo o Brasil.

Um líder da BSGI precisa cumprir todos esses critérios e também realizar visitas familiares para incentivar os membros da organização em sua prática particular e promover a realização das atividades da organização que está sob sua responsabilidade.

Mesmo que não seja letrada, que não tenha nenhuma formação acadêmica, a pessoa pode se tornar dirigente da organização. Com isso, um indivíduo considerado praticamente analfabeto pode ser nomeado como líder na BSGI e direcionar a vida espiritual de uma pessoa com títulos acadêmicos (Pereira 2001).

O primeiro requisito para poder ser indicado como líder na BSGI é que a pessoa tenha passado pela cerimônia de conversão, da qual falaremos mais adiante. Sem isso, não é considerada como membro oficial nem como convertida ao Budismo Nitiren.

Portanto, os critérios que definem o membro ativo da organização — participar ativamente das diversas atividades promovidas pela organização e ser assinante dos periódicos publicados pela editora institucional, entre outros — são também os mesmos que habilitam a pessoa a ser uma potencial candidata a receber um cargo de liderança. Sobre esses impressos dedicaremos alguns tópicos específicos no próximo capítulo, uma vez que os discursos dos líderes publicados nesses periódicos constituem o objeto de nossa pesquisa.

É preciso seguir fielmente as diretrizes de atividades lançadas pela organização. A pessoa que se desencaminha dessas diretrizes não está qualificada para liderar os demais membros. O indivíduo que não tem conduta correta na família e na sociedade também não pode assumir função de liderança na BSGI.

Começando pelo nível de dirigente de bloco, que constitui o primeiro cargo de liderança na hierarquia estrutural da BSGI, o candidato precisa ter aprendido, ou estar se esforçando para aprender, os pontos fundamentais da prática do Budismo Nitiren e da Soka Gakkai. É importante destacar aqui que após seis meses de prática ininterrupta após a realização da cerimônia de conversão, o novo adepto já pode ser indicado para assumir a função de responsável de bloco, desde que atenda aos pré-requisitos para isso. Um bloco, na divisão geográfica da BSGI, é formado por sete a quinze famílias, em média, residentes num mesmo bairro.

Proteger os “companheiros” e a organização é um tópico importante que o futuro líder precisa aprender. O líder de bloco terá ainda, entre várias outras atribuições, realizar visitas familiares aos membros do bloco para incentivar as pessoas; conversar sobre a importância dos periódicos da organização, estudar suas matérias juntamente com os membros e incentivar todos os integrantes a fazerem a assinatura; recolher o dinheiro da assinatura desses periódicos e

também se responsabilizar pela entrega dessas publicações nas residências dos membros; promover reuniões para os membros do bloco e participar das atividades voltadas para os líderes (*Coordenadoria da Cidade de São Paulo* 2005: 33). Essas atribuições são as mesmas para todos os níveis hierárquicos de liderança, guardadas as devidas proporções.

Por exemplo, um líder de bloco tem a oportunidade de visitar todas as famílias da organização pela qual é responsável, já um líder de região metropolitana, que tem em média de quinhentas a setecentas famílias, não terá tanta oportunidade de realizar essas visitas familiares com maior regularidade.

Com relação à realização das atividades da BSGI, todas elas são promovidas, organizadas e realizadas pelos respectivos líderes de cada unidade organizacional.

II.1.3 O processo de conversão na BSGI

Para que uma organização exista, é preciso que haja pessoas. Assim, a própria existência da organização leiga budista Associação Brasil-SGI necessita da presença atuante de seus membros. Quais são então os critérios que nos permitem caracterizar um indivíduo como “membro oficial da BSGI?

É preciso participar de pelo menos três reuniões de palestra e de três reuniões para convidados, denominada de Reunião de *Chakubuku*, ou seja, a pessoa deve ter comparecido às atividades da organização durante pelo menos três meses, demonstrando assim que está interessada em conhecer o Budismo Nitiren e a Soka Gakkai.

Além da participação nas atividades, o converso em potencial também precisa ser assinante do jornal *Brasil Seikyo*. É necessário ainda aprender a recitar o sutra e realizar a prática individual em sua casa, ou seja, todos os dias, pela manhã e à noite, repetir o mantra *Nam-myoho-rengue-kyo* e recitar os dois trechos do Sutra do Lótus que constituem a prática diária do Budismo Nitiren na Soka Gakkai.

O fato de a pessoa fazer parte de uma família em cujo lar há um *Gohonzon* consagrado não significa que ela própria seja membro oficial da BSGI. Para ser considerado como tal, o indivíduo também precisa primeiro cumprir esses requisitos citados anteriormente.

O primeiro contato normalmente é feito por intermédio de alguém que já seja integrante oficial da organização. Ser membro oficial da BSGI significa que a pessoa passou por todos os processos de conversão instituídos pela organização e que tem seu nome registrado no cadastro de membros mantidos em sua sede.

Na verdade, não existe um local único e exclusivo onde esses dados estão arquivados. Cada dirigente é responsável por manter esse arquivo com os dados dos membros de sua localidade. A BSGI, por sua vez, mantém um centro de dados, denominada Extranet da BSGI, no qual estão inseridos todos os dados dos membros de cada célula organizacional. O acesso dos líderes a esses dados está configurado de acordo com sua posição na escala hierárquica da BSGI. Por exemplo, os líderes de bloco somente podem visualizar e alterar dados referentes aos membros que fazem parte da organização pela qual eles são responsáveis, e o mesmo ocorre com os demais dirigentes. O acesso a informações de outras organizações lhes é negado, como também a realização de certas alterações, como transferências de membros para outras localidades e nomeações de dirigentes, por exemplo.

Assim, antes de se tornar membro, o potencial converso começa a participar das diversas atividades promovidas pela organização, especialmente as denominadas reuniões de palestra, que são atividades realizadas uma vez ao mês em todas as organizações do Brasil, nas quais se reúnem todos os membros da localidade para orar juntos e dialogar a respeito da filosofia do Budismo Nitiren.

Outra atividade muito frequente realizada pela organização é a Reunião de *Chakubuku*. Trata-se de uma atividade voltada especificamente a fins proselitistas, pois é direcionada para pessoas convidadas — tanto aquelas que participam pela primeira vez como também outras que já estão há um determinado tempo acompanhando as atividades da BSGI mas que ainda não se decidiram por se tornarem membros oficiais da organização.

Nem todas as pessoas que iniciam a prática provisória dão continuidade, assim como também não são todas as pessoas que seguem rigorosamente esse período de três meses antes da tomada de decisão de entrar definitivamente para a Gakkai. O mais comum é que as pessoas demorem mais tempo, de seis meses a um ano.

Depois que o futuro membro decidiu se converter, passará primeiramente por duas entrevistas, uma com os líderes de distrito, quando esses dirigentes verificarão se a pessoa sabe realmente recitar o sutra pronunciando corretamente as palavras, se há pelo menos um familiar que esteja de acordo com a conversão (para isso, sempre é solicitado que um familiar da pessoa compareça na entrevista para demonstrar pessoalmente a confirmação de sua concordância), e para dirimir quaisquer outras dúvidas que a pessoa ainda possa ter referente a sua futura conversão.

O futuro converso terá também de preencher uma ficha na qual constam seus dados e sua assinatura, além da assinatura de algum representante da

família concordando com sua conversão e com a consagração do *Gohonzon* dentro de casa, de preferência no cômodo principal, e num local de destaque.

Além disso, será necessário ainda comparecer à Cerimônia de Conversão. Ou seja, mesmo que o futuro converso tenha atendido a todos os requisitos anteriores, ele ainda não será considerado como membro oficial da BSGI até que tenha participado dessa cerimônia, pois é esse dia específico que será considerado como a data de sua conversão ao Budismo Nitiren e também como o dia de seu ingresso na Soka Gakkai. Antes disso, a pessoa é considerada como “simpatizante”, e todo o período de tempo que passou participando das atividades até a data da conversão é denominado de “prática provisória”. Uma outra forma de se referir à pessoa que está iniciando a prática do budismo, ou àquela que está participando das atividades ainda como convidada, é *Chakubuku*.

Um dado importante é que, com exceção da pessoa que é denominada como “requerente do *Gohonzon*”, e depois da conversão como “titular do *Gohonzon*”, todos os demais integrantes de sua família deverão igualmente passar pelo processo da Cerimônia de Conversão para que possam ser considerados como membros oficiais da BSGI.

Cumprе destacar aqui que estamos especificando duas cerimônias distintas por sua própria natureza. Uma delas é a Cerimônia de Concessão de *Gohonzon*, realizada atualmente uma vez por mês, na qual a pessoa que decidiu se converter ao Budismo Nitiren e ingressar para a Soka Gakkai recebe o objeto de devoção do Budismo Nitiren, que é o *Gohonzon*, para consagrá-lo num oratório em sua residência. Essa cerimônia era realizada no antigo Templo Itijoji, da Nitiren Shoshu, até que em 1991 ocorreu a separação total entre o clero da Nitiren Shoshu e a Soka Gakkai. Depois disso, a Cerimônia de Concessão passou a ser realizada pelos dirigentes centrais da Organização. A outra é a

Cerimônia de Conversão, ocasião em que as pessoas da família do requerente se convertem ao Budismo Nitiren. Como em sua residência já há um *Gohonzon* consagrado e não é permitido ter mais de um *Gohonzon* em cada lar, então os demais integrantes da família precisam apenas participar da cerimônia de conversão para que possam oficializar sua condição de membros da organização.

No próximo capítulo, conheceremos os meios utilizados pela BSGI para difundir seus ensinamentos entre os brasileiros e teremos contato com o discurso dos líderes direcionados aos seus membros e publicados nos impressos oficiais da instituição, os quais são amplamente empregados nas campanhas proselitistas realizadas sistematicamente em todo o Brasil.

CAPÍTULO III

O DISCURSO PROSELITISTA DOS LÍDERES DA SOKA GAKKAI SEGUNDO OS PERIÓDICOS DA BSGI

Como já vimos anteriormente, a Associação Brasil-Soka Gakkai Internacional (BSGI) atribui grande importância a atividades proselitistas com vistas a aumentar consideravelmente seu número de membros. De fato, o movimento de propagação e conversão é uma constante na BSGI, e é graças a esse intenso proselitismo que essa organização leiga budista vem aumentando consideravelmente seu número de membros oficiais.

Assim, neste capítulo, apresentaremos o objeto que é tema desta dissertação: o discurso proselitista dos líderes da Associação Brasil-Soka Gakkai Internacional (BSGI), publicado em seus diversos meios de comunicação, com as figuras retóricas encontradas nesses discursos. Primeiramente, falaremos das publicações oficiais da BSGI e em seguida apresentaremos excertos extraídos dessas publicações que refletem o espírito proselitista implícito neles.

Os textos aqui apresentados não foram coletados nas diversas atividades realizadas mensalmente por esse grupo leigo budista, mas extraídos dos periódicos publicados pela BSGI, tais como materiais de estudo para serem usados nas reuniões e também os discursos e mensagens de Daisaku Ikeda.

A Associação Brasil-SGI disponibiliza para seus associados alguns meios de comunicação, como um jornal semanal, o *Brasil Seikyo*, e duas revistas mensais, *Terceira Civilização* e *Revista 10*, os quais são amplamente utilizados em

suas diferentes atividades, e por conseguinte nas atividades para a conversão de novos membros também.

Optamos por trabalhar principalmente com os discursos publicados a partir do ano de 2009. No entanto, não deixaremos de contemplar os discursos editados em anos anteriores, pois o discurso sobre conversão está sempre presente nos textos publicados por essa organização religiosa.

Na verdade, o propósito de suas publicações é exatamente o de servir de ferramenta de divulgação dos ideais do líder principal da Soka Gakkai, Daisaku Ikeda e também dos princípios do Budismo Nitiren, além de servir de meio de comunicação e de divulgação das atividades realizadas pela referida instituição.

As razões para termos definido uma data de início para nossa seleção de discursos são apresentadas a seguir: primeiramente, porque é enorme a quantidade de matérias publicadas nos periódicos da BSGI sobre o tema da conversão de novas pessoas, assim, optamos por reduzir o período em que esses textos aparecem, fazendo uma demarcação, que começa no ano de 2009 e vem até o momento presente; segundo, porque foi justamente no ano citado que a BSGI deu início a mais um intenso movimento de propagação liderado por seus jovens.

É importante destacar aqui que, conforme já mencionado, a organização leiga budista BSGI realiza constantemente atividades visando à conversão de novos membros, sendo que, dependendo da época, essas atividades são realizadas na forma de campanhas de conversão, recebendo maior destaque tanto por líderes como também pelos membros, e também maior empenho por parte de todos os níveis organizacionais em sua implementação e execução no Brasil inteiro.

III.1 Os periódicos da BSGI — meios de comunicação para a difusão dos ideais institucionais da BSGI e do Budismo Nitiren

Na BSGI, o estudo mais aprofundado da doutrina não fica disponível apenas para alguns indivíduos selecionados, mas ao alcance de todos por intermédio de suas publicações.

Como um dos propósitos da Organização é capacitar todos os seus membros para que se tornem excelentes líderes para os demais integrantes e também para que sejam pessoas exemplares em todos os campos da sociedade, constitui uma questão muito importante que a membresia tenha a sua disposição materiais referentes à doutrina do Budismo Nitiren, artigos sobre os diversos aspectos da prática e a atuação nas atividades da organização, discursos de Daisaku Ikeda e ainda os discursos e matérias de estudo produzidos pelos líderes locais.

Assim, todos esses materiais são empregados, de diferentes formas, nas atividades as mais variadas. É sempre solicitado aos dirigentes que os utilizem para que imprimam maior credibilidade as suas palavras, para que os assistentes possam confirmar que aquela pessoa que lhes está dirigindo a palavra não está apenas proferindo suas próprias opiniões, mas sim que está se fundamentando nos direcionamentos da Organização.

Além disso, os diferentes periódicos da BSGI são largamente empregados nas atividades de promoção do movimento de conversão. Nessas atividades, das quais participam os dirigentes e também pelos membros sem nenhuma função de liderança e os convidados, os periódicos são utilizados como meio de divulgação do pensamento da Soka Gakkai, constituindo assim uma importante ferramenta em suas atividades de proselitismo.

Como já referimos anteriormente, muito antes da decisão de ingressar na Soka Gakkai, há um primeiro contato, um convite para conhecer a organização, o Budismo Nitiren e as propostas de Ikeda. Esse convite é feito por uma pessoa que já tenha se tornado membro oficial da Organização. Algumas vezes, até mesmo antes de passar pela cerimônia de conversão pode ocorrer de a pessoa já começar a divulgar a mensagem budista em meio a sua rede social.

São vários os meios utilizados pelos membros da Gakkai para conquistar a atenção do potencial futuro converso: entregar um exemplar do jornal *Brasil Seikyo* é atualmente o principal deles. Há dirigentes e também membros da organização que assinam mais de um exemplar do jornal para oferecer a não-membros como uma forma de divulgar a BSGI e o pensamento de Daisaku Ikeda.

Também se fazem convites para participar das diferentes atividades promovidas pela organização, especialmente a reunião de palestra, uma tradicional atividade realizada na segunda quinzena de cada mês em que os membros de um determinado núcleo organizacional se reúnem para orar juntos e dialogar sobre a filosofia e os ensinamentos do Budismo Nitiren.

Cumpramos então destacarmos que, para efeito de diferenciação, estamos denominando de periódicos os impressos produzidos pela Editora *Brasil Seikyo*, pertencente à Associação Brasil-SGI, de circulação mensal ou semanal.

Além dos periódicos, a editora também publica livros de Daisaku Ikeda e ainda outros materiais de utilização interna da Organização, como os periódicos de atividades, nos quais constam as diretrizes e as atividades principais a serem realizadas pela Organização e direcionados apenas aos dirigentes de bloco e acima e de circulação semestral, por exemplo, e materiais de uso específico para uma determinada atividade, como convites, cartões, *folders*, entre outros. Ou seja, os materiais de uso interno da organização não ficam disponíveis para

venda, mas são distribuídos conforme os critérios de utilização específicos para cada um desses materiais.

Além dos livros de Daisaku Ikeda, a Editora *Brasil Seikyo* publica quatro periódicos, sendo dois deles semanais — o jornal *Brasil Seikyo*, com duas edições, uma em língua portuguesa e outra no idioma japonês para atender os membros de origem nipônica e outros que compreendem a língua japonesa —, e os outros dois, que são mensais — as revistas *Terceira Civilização* e *Revista Dez*.

A revista *Terceira Civilização* tem como propósito ser material referencial para o estudo do budismo. Nessa revista, são publicadas principalmente matérias preparadas pelos próprios funcionários da redação e também textos de Daisaku Ikeda, geralmente tratando sobre os escritos de Nitiren. Essa revista de circulação mensal não atinge todos os membros, pois não são todos que a assinam, porém, é muito utilizada para ser oferecida de presente a potenciais futuros membros da organização.

Outra revista de periodicidade mensal é a *Revista 10*, direcionada para o público jovem e estudante. Apresenta matérias com conteúdo voltado para o estudo, de incentivo à leitura e de princípios do budismo de forma mais didática, com suas colunas e editoriais divididas de acordo com as divisões estudantis da própria organização: Divisão do Futuro (formada por crianças dos 6 aos 9 anos), Divisão da Esperança (dos 10 aos 13 anos) e Divisão dos Herdeiros (dos 14 aos 17 anos), e também matérias para os pais desses jovens e para os líderes responsáveis por cada uma dessas subdivisões organizacionais.

O jornal *Brasil Seikyo* foi lançado no ano de 1964 como o informativo *Nova Era*. Passados 48 anos, continua mantendo o propósito inicial de servir de meio de comunicação entre os membros da BSGI e sua liderança e também o de promover a propagação do budismo entre os brasileiros.

Com mudanças que foram implementadas a partir do ano de 2007, o jornal tem como propósito servir a todos os setores da sociedade (*Brasil Seikyo*, ed. 1890, p. A5), mas essencialmente o de ser uma ferramenta de apoio aos membros na realização das atividades regulares da organização.

Os textos publicados nesses diferentes periódicos se apresentam nos mais diferentes formatos: discursos, ensaios e romances de Daisaku Ikeda, reportagens sobre atividades realizadas em todo o País, matérias para serem utilizadas nas atividades da Organização, entre outros. São elaborados pelos próprios líderes, com exceção daqueles de autoria de Ikeda. Quando não são redigidos pela equipe de Redação e colaboradores da Editora *Brasil Seikyo*, que faz parte da Associação Brasil-SGI, o material publicado é produzido pelos dirigentes de cada localidade, os quais elaboram as reportagens, fazem as fotografias das atividades e reuniões e enviam-nas para a Redação do jornal *Brasil Seikyo*. Outras matérias, como as que são usadas nas diversas atividades de estudo promovidas pela BSGI, são elaboradas pelo Departamento de Estudo do Budismo da BSGI, formado por dirigentes selecionados pela liderança central da Organização.

Alguns dirigentes são ainda solicitados, periodicamente, a escrever matérias para serem publicadas em diferentes colunas do jornal ou da revista. Sendo este o caso, os textos versam sempre sobre alguma data comemorativa específica, ou tratam de direcionamentos para alguma atividade a ser realizada futuramente, ou se referem a algum tópico referente à doutrina budista.

Nesses diferentes textos, sejam aqueles elaborados pela equipe de Redação, sejam os que são enviados pelos membros e dirigentes de diferentes partes do Brasil, é recorrente o emprego de um discurso proselitista. De fato, a BSGI, ao longo de seus 53 anos desde que foi fundada no Brasil, sempre

ênfatizou a importância de trazer novos adeptos ao movimento, independentemente de classe social, de gênero, de idade.

Esse movimento proselitista promovido pela Organização mostrou-se mais acentuado em alguns períodos de sua história que em outros, acabando por atrair a atenção e a aceitação de muitos brasileiros (Gonçalves 2005: 203) que optaram por fazer parte dessa organização leiga budista.

Como tal, a BSGI providencia para que seus membros tenham sempre em mãos materiais de estudo nos quais os líderes possam se basear ao realizar as atividades praticamente diárias promovidas em todos os recantos do Brasil por seus diferentes núcleos organizacionais. Esses materiais servem também de fonte para que todos os membros possam aprofundar seus conhecimentos sobre o Budismo Nitiren e manter contato com as orientações e os direcionamentos de Daisaku Ikeda para, dessa forma, conseguirem se fundamentar no estudo da doutrina budista e assim aprofundar sua fé nos ensinamentos budistas.

III.1.1 A importância do estudo da doutrina e dos impressos para a difusão dos ideais da BSGI

Anos atrás, os membros dessa organização tinham como costume presentear as pessoas que possivelmente poderiam vir a se converter com um exemplar do sutra utilizado por eles nas orações na intenção de que, uma vez com o sutra na mão, essa pessoa viria mais tarde a praticar o budismo. Também se costumava ensinar a pessoa a recitar o mantra *Nam-myoho-rengue-kyo*, não somente dizendo as palavras mas fazendo-a proferir em voz alta, na intenção de que, uma vez tendo feito a pessoa proferir essas palavras pelo menos uma vez, ela já estaria consolidando nesse exato momento uma ligação cármica com o Budismo Nitiren. Acreditava-se que, com isso, mesmo decorridos vários anos,

um dia essa pessoa acabaria se convertendo. Porém, nos dias de hoje essas práticas foram deixadas um pouco de lado. Embora não tenham sido totalmente abandonadas, não são mais a principal forma de apresentar o budismo e a Soka Gakkai.

Os membros da BSGI atualmente utilizam como um dos principais meios para iniciar a conversão da pessoa a entrega de um exemplar do jornal *Brasil Seikyo* para que o potencial futuro converso tenha a possibilidade de manter contato com vários pontos relativos à organização, como orientações de Daisaku Ikeda, informações sobre as atividades realizadas em todo o Brasil, relatos de experiência, doutrina budista, entre outros.

E o principal meio usado pelos membros da BSGI em suas campanhas de divulgação do budismo é o jornal semanal *Brasil Seikyo*. As revistas *Terceira Civilização* e *Revista 10* também são utilizadas, mas em menor escala, uma vez que seu público-leitor é mais direcionado.

Sendo assim, é pelo número de assinantes — pela queda ou aumento de assinaturas mensais do *Brasil Seikyo* — que se mede o avanço ou o declínio de suas campanhas de conversão.

Como já mencionamos anteriormente, a assinatura do jornal *Brasil Seikyo* é um dos requisitos básicos que um potencial novo convertido deve cumprir se deseja entrar para o quadro de membros da Associação Brasil-SGI. Com isso, podemos inferir que o aumento do número de assinantes também é proporcional ao aumento do número de novos membros. Mas é preciso lembrar também que nem todos os membros da organização são assinantes oficiais. Assim, seus líderes realizam uma contínua campanha de divulgação dos impressos para que cada vez mais membros sejam assinantes das publicações oficiais, especialmente o jornal.

Assim, podemos concluir que a BSGI se utiliza da facilidade de uma publicação impressa para divulgar seus princípios e ideais aos membros e não membros da organização.

III.1.2 A intensificação das atividades proselitistas a partir de 2009

O dia 3 de maio é celebrado nas organizações Soka Gakkai do mundo inteiro como o Dia de Mestre e Discípulo. Nessa data, Daisaku Ikeda assumiu como seu terceiro presidente, no ano de 1960, sucedendo a Jossei Toda, o segundo presidente.

No ano de 2009, os jovens da BSGI realizaram um grande festival para celebrar o 3 de maio. O evento foi no Ginásio do Ibirapuera, localizado na cidade de São Paulo, onde compareceram milhares de jovens provenientes de todo o Brasil.

Entre outros assuntos, o então líder desses jovens disse, em seu discurso, que cada jovem presente que conseguisse formalizar a conversão de pelo menos uma nova pessoa ao longo do ano seguinte receberia de presente um estojo confeccionado com o material usado na grande faixa que ornamentava o local da realização do evento. Essa comunicação era na verdade uma clara e evidente alusão a um fato ocorrido no dia 16 de março de 1958, quando milhares de jovens japoneses se reuniram em Tóquio para participar de uma atividade da Soka Gakkai com a presença de seu segundo presidente Jossei Toda, que na época encontrava-se com a saúde bastante debilitada.

Naquela ocasião, uma noite de chuva e intenso frio, foi servida aos jovens uma sopa de carne de porco. Com a pele dos porcos que haviam sido abatidos para o preparo da refeição, foi confeccionado um estojo, oferecido de

presente para muitos dos jovens que compareceram naquele evento. Jossei Toda faleceu duas semanas depois, mas a data do encontro dos jovens ficou para sempre registrada na história da organização como o dia em que ele passou para os jovens a responsabilidade de concretizar a paz mundial nos anos vindouros, dando continuidade ao seu legado.

Sendo assim, a partir do anúncio de que os jovens brasileiros receberiam também um estojo de presente, da mesma forma como os japoneses de décadas atrás, e que para isso seria um ponto de honra conseguir concretizar a conversão de pelo menos uma pessoa, muitos saíram com a disposição de realizar o máximo de conversões possível para que pudessem receber o presente. Quem não conseguisse converter ninguém não teria direito a ganhar o estojo.

A notícia foi divulgada no jornal da organização e com isso os jovens de todo o Brasil se lançaram a uma nova e intensa campanha para converter novas pessoas.

Somando-se ao esforço não somente dos jovens mas dos membros em geral, que se lançaram a essa tarefa para concretizar muitas novas conversões e assim aumentar o quadro de membros oficiais da organização, havia também as publicações, que editaram várias matérias sobre a campanha, com materiais para apoiar a realização dessas atividades de proselitismo, além de relatos dos novos convertidos e também das pessoas que se empenhavam na conversão de seus amigos e parentes.

Com isso, os periódicos, principalmente o jornal *Brasil Seikyo*, foram muito utilizados nesta nova campanha de conversão da BSGI, como veremos no tópico seguinte.

III.1.1 Repercussão das atividades proselitistas nas publicações da BSGI

No levantamento de textos realizado para análise nesta dissertação, não estamos utilizando os livros de Daisaku Ikeda, embora muitos textos redigidos pelos dirigentes baseiem-se em uma ou outra referência desses livros, especialmente aqueles que tratam especificamente da doutrina do Budismo Nitiren.

De fato, verificamos que é costume entre os líderes citar literalmente, em seus textos, não apenas uma, mas várias passagens de Ikeda, as quais são extraídas principalmente dos discursos publicados no jornal *Brasil Seikyo*, na revista *Terceira Civilização* e nos livros.

A questão de os dirigentes da BSGI sempre basearem seus textos nas orientações de Daisaku Ikeda reforça a questão da credibilidade: os dirigentes sempre citam Ikeda de forma bastante exaustiva. Muitas vezes, num único parágrafo é possível encontrar mais de uma citação de Ikeda e pouca elaboração e reflexão do autor do texto. Tudo isso para demonstrar perante os leitores que suas palavras não são de forma alguma desprovidas de embasamento oficial. Ou seja, os leitores podem seguir piamente o que está escrito uma vez que tudo está fundamentado nas orientações de Daisaku Ikeda.

III.1.4 A retórica da conversão nos periódicos da BSGI

É bastante presente nos textos publicados nos periódicos da BSGI o tema da conversão. A razão disso torna-se evidente se considerarmos que esse

movimento budista realiza intensas campanhas de proselitismo no intuito de aumentar cada vez mais o número de seu quadro de membros.

Tudo se inicia com o desejo primordial de salvar a vida das pessoas, procurando refutar outros ensinamentos para estabelecer a prática do Budismo Nitiren:

Temos a missão primordial de salvar a vida das pessoas por meio da prática budista. Mas como cumprir essa missão e promover o *Chakubuku*?

Tudo depende da intensidade do nosso sentimento durante a oração. Devemos orar com o desejo de querer salvar a vida de outra pessoa, esta é a oração de um Buda. (*Brasil Seikyo*, ed. 1980, 28 de março de 2009, p. B4)

Salvar a vida das pessoas, antes de mais nada, é o motivo que impulsiona os membros da BSGI a buscarem converter um número cada vez maior de pessoas, não importa se pobres ou ricos, felizes ou infelizes.

“Salvar” é uma palavra desgastada por várias circunstâncias e tornou-se um termo pejorativo. Todo mundo quer ser “salvo”, mas ninguém quer ser salvo agora. De tão pejorativo, salvar virou algo sem fundamento, pois não se sabe o que, de fato, é salvar uma pessoa, ou ser salvo. O Budismo Nitiren nos dá uma medida reta: salvar é mostrar a dignidade inerente à vida. Permitir que a pessoa “encontre” o Estado de Buda em si mesma. Tendo essa premissa, é aqui, nesta fantástica organização, que praticamos livremente essa missão maior de salvar as pessoas, de uma forma livre de conotações seculares, possibilitando à pessoa experimentar sua máxima dignidade e potencialidade.

(*Brasil Seikyo*, ed. 1894, 9 de junho de 2007, p. A2)

Os membros e dirigentes partem do princípio de que, enquanto não estiverem praticando o Budismo Nitiren, as pessoas não têm a possibilidade de salvação, ou seja, permanecerão eternamente numa vida de total infelicidade, refletindo o espírito exclusivista de sua doutrina.

Aqueles que já se encontram oficializados como membros da organização e estão conduzindo uma prática assídua aprendem a responsabilidade e a importância de compartilhar os ensinamentos do budismo com a finalidade explícita de salvar a vida das pessoas, como vemos na frase a seguir:

As pessoas no estado de bodhisattva manifestam uma vida plena de benevolência e sua característica é dedicar-se à felicidade de outras pessoas. Essa benevolência difere essencialmente do conceito de caridade ou compaixão, e sua definição exata é “retirar o sofrimento e dar felicidade”. A principal característica das pessoas nesse estado é a busca constante do estado de Buda, ao mesmo tempo em que procuram ensinar esse caminho para que todas as outras consigam manifestar a força inerente da vida para conquistarem a felicidade absoluta.

(*Brasil Seikyo*, ed. 1997, 25 de julho de 2009, p. A8)

Num discurso de Daisaku Ikeda publicado no ano de 2004, encontramos um exemplo que pode ser emblemático e que explica com clareza a importância do movimento de propagação entre os adeptos dessa organização:

O propósito do Budismo de Nitiren Daishonin é a felicidade de toda a humanidade. Ou seja, o objetivo do *Chakubuku*, da propagação do ensino correto. É a apaixonada batalha para conduzir as pessoas que sofrem à iluminação. O sangue vital da fé do Budismo de Nitiren Daishonin não existe separado da prática do *Chakubuku*.

A base da Gakkai é o espírito de *Chakubuku*. O Grande Mestre Tient'ai declarou: "O Sutra de Lótus é o ensino do *Chakubuku*, a refutação das doutrinas provisórias." (*The Writings of Nichiren Daishonin* [WND], pág. 394.) Ao adotar estas palavras douradas, o próprio Daishonin realizou o *Chakubuku* com grande vigor. Por toda a vida, ele refutou firmemente as doutrinas e ensinamentos errôneos.

Os líderes desprovidos do espírito de *Chakubuku* não são seguidores de Daishonin. Eles não podem esperar receber os verdadeiros benefícios da prática da fé.

Daishonin escreveu: "O budismo é como o corpo e a sociedade, a sombra. Quando o corpo se curva, o mesmo acontece com a sociedade." (WND, pág. 1.039.) Nós faremos o oposto do que deveríamos fazer se, como consequência de termos tentado demais servir às outras pessoas ou de sermos aceitos na sociedade, comprometermos nosso espírito fundamental. Isso é algo de que devemos nos lembrar.

A época e a sociedade mudam constantemente. É natural, portanto, que a estrutura e o formato das atividades da Gakkai também mudem. Porém, não importando onde ou com quem estejam, é crucial bradar contra o erro e a injustiça e oferecer às pessoas uma compreensão correta acerca de nosso movimento. Não devemos perder nunca o espírito de "refutar o falso e revelar o verdadeiro". (*Brasil Seikyo*, ed. 1768, p. A3)

Os membros não apenas da BSGI, como também da SGI em todos os países, baseiam suas atividades de propagação nas palavras de Daisaku Ikeda, uma vez que ele sintetiza os ensinamentos de Nichiren na linguagem cotidiana das pessoas. Com base nesse e em outros discursos que versam sobre esse mesmo tema da conversão, os dirigentes da BSGI produzem, conforme mencionado anteriormente, os textos que serão utilizados por todos os membros da organização.

Os membros, por sua vez, transmitem esses textos nas atividades e nos diálogos informais que promovem durante as reuniões ou nas visitas familiares,

ou nas conversas com amigos e conhecidos com a finalidade de transmitir-lhes os ensinamentos budistas.

Disso podemos verificar a importância desses textos para o desenvolvimento e o crescimento da BSGI em terras brasileiras. Especialmente no caso do jornal *Brasil Seikyo*, tudo o que é publicado em suas páginas pode ser utilizado de diferentes formas nas atividades da organização.

Os editoriais são lidos e estudados em reuniões semanais em pequenos grupos, os chamados blocos, pois tratam em geral de temas atuais que fazem parte do cotidiano dos membros. A seção “Encontro com o Mestre”, que traz os discursos do líder Daisaku Ikeda, também é amplamente lida e estudada nas atividades. Os líderes costumam citar trechos desses discursos para ilustrar suas palavras. Os relatos de experiência, nos quais membros de diferentes partes do país contam sobre seu crescimento e suas conquistas desde que iniciaram a prática na organização são também muitas vezes lidos integralmente nas reuniões. E notamos que os próprios dirigentes geralmente recheiam seus textos com várias frases extraídas das orientações de Ikeda.

Sendo assim, esses textos têm um grande impacto na vida cotidiana dos membros, uma vez que são amplamente lidos, relidos e citados nas atividades da BSGI.

Sobre a conversão, num diálogo publicado no ano de 2009, alguns líderes explicam a razão pela qual é preciso que as pessoas tenham o pergaminho denominado *Gohonzon* consagrado em sua residência:

A princípio, as pessoas praticam o budismo para solucionar questões particulares. Isso é natural. Assim é o ser humano. Porém, no decorrer da prática, elas precisam compreender que possuem a missão de salvar outras

peessoas, a missão pelo *Kossen-rufu*. (*Terceira Civilização*, ed. 490, p. 66)

Como mostra esse exemplo, independentemente de qual tenha sido a motivação inicial para que a pessoa tenha decidido ingressar na BSGI e passado a praticar o budismo, o fundamental é que cada um consiga compreender que, na verdade, o objetivo principal é salvar a vida de outras pessoas. Quando conseguem compreender essa questão, os membros têm a possibilidade de deixar seus objetivos pessoais em segundo plano e sair em busca de outras pessoas, conforme consta em outra matéria publicada na revista *Terceira Civilização*:

O líder reforça ainda a importância de se realizar uma prática altruística, pensando no bem-estar das pessoas. “Se você quer se tornar feliz, faça outros felizes. Se você quer salvar a sua vida, salve a vida de outros”, recomenda Naoto. (*Terceira Civilização*, ed. 489, p. 15)

A partir daí, os líderes reforçam a ideia de que a prática do Budismo Nitiren proporciona uma vida adornada de aspectos maravilhosos, não importa qual seja a situação em que a pessoa se encontre no momento em que faz o primeiro contato com o budismo:

O ato de realizar o *Chakubuku* é o real significado da BSGI. As reuniões estão sendo realizadas em grupos menores justamente para criar ambientes propícios para dialogar com os convidados acerca das maravilhas de se praticar o Budismo Nitiren na BSGI. Não existe como pensar as atividades da organização sem que esteja atrelada ao desejo de propagar. (*Brasil Seikyo*, ed. 2020, p. B7)

Dessa ideia de que ensinar a prática do Budismo Nitiren para outras pessoas possibilitará que elas mudem radicalmente sua vida decorre também o conceito de que praticar o *Chakubuku* é o mesmo que salvar a vida das pessoas:

Temos a missão primordial de salvar a vida das pessoas por meio da prática budista. Mas como cumprir essa missão e promover o *Chakubuku*?

Tudo depende da intensidade do nosso sentimento durante a oração. Devemos orar com o desejo de querer salvar a vida de outra pessoa, esta é a oração de um Buda.

Se ainda não existe o desejo, oremos até criar este sentimento. Ao estabelecer esta oração, naturalmente, a vida atrai as pessoas. Quando elevamos nossa oração, despertamos coragem e sabedoria. Assim, o ponto-chave para promover a propagação do budismo está na oração para manifestar o coração e a mente de um Buda.

(*Brasil Seikyo*, edição 1980, 28 de março de 2009, p. B4)

E disso advém o pensamento de que iniciar a prática do budismo levará a uma mudança radical na vida, transformando-a sempre para melhor, conforme observamos no texto a seguir:

Quando iniciamos a prática do Budismo de Nitiren Daishonin, todos os nossos pensamentos e conceitos vigentes até então se renovam. Novos ensinamentos nos enchem de esperança e coragem. Antigos hábitos são abandonados, criando-se assim uma nova vida com novas perspectivas. O efeito de toda esta mudança aliada à prática da recitação do *Nam-myoho-rengue-kyo* e mais o convívio com as orientações do Mestre nos possibilitam uma brusca mudança em nossa vida. Benefícios incalculáveis são a tônica de nossa “nova” vida nesta fase. Comprovamos os benefícios da prática budista. Iniciamos assim um grandioso processo de revolução humana. (*Brasil Seikyo*, ed. 1971, p. A8)

A esperança de renovação, atrelada à esperança e à coragem que poderão ser adquiridas por meio da prática budista, são também conceitos bastante presentes nos discursos desses líderes:

O presente momento é o mais importante; é o tempo para mudar o meu coração, para fazer uma mudança radical em minha vida erradicando a miséria e para buscar a revolução humana.

Conforme ensina esse escrito, “Nossos esforços para ensinar a prática da recitação do *Nam-myoho-rengue-kyo* a outras pessoas e para provar a sua validade na sociedade também são oferecimentos importantes”. (...)

Sem esperança, a vida perde seu sentido e transforma os nossos dias numa realidade de sofrimentos, lamentação e inércia. Viver com coragem e convicção é a chave para conquistar a grande vitória!

Na visão do budismo, a chegada do ano novo é o momento de se comprometer e se levantar rigorosamente para o desafio de muitas mudanças.

Quando eu me levanto e inicio uma grande luta, tudo muda ao meu redor. O desafio diário de recitação de *Daimoku*, a participação nas atividades em nossos blocos e ensinar o Budismo Nitiren a outras pessoas são o caminho para desenvolver essa mudança. (*Brasil Seikyo*, ed. 2019, 16 de janeiro de 2010, p. A8)

Tudo isso transmite a ideia de que o novo membro tem a possibilidade de realizar uma profunda transformação em sua vida, uma mudança total que deve ser sempre direcionada para o lado positivo.

Quando um artigo é publicado em algum dos periódicos da BSGI, passa a ser considerado pelos membros da organização como uma publicação oficial, podendo ser reproduzido, comentado e amplamente utilizado nas atividades.

Assim, os conceitos e as ideias nele constantes acabam por ser difundidos entre todos os membros, pelo país inteiro.

A crença numa mudança radical a partir da aceitação dos princípios budistas vai se tornando assim cada vez mais arraigada, já que os membros transmitem esses conceitos literalmente, como vemos no fragmento a seguir:

O Budismo Nitiren surgiu do desejo ardente de provocar uma mudança radical e profunda nos valores individuais ao ponto de tornar cada indivíduo também um buda. É uma religião para a felicidade plena, para a elevação do estado de vida de sofrimento ao de felicidade. (*Brasil Seikyo*, ed. 1991, p. B5)

Um outro fragmento procura mostrar que não é necessário passar por um longo processo de práticas visando ao autoaprimoramento para conquistar a felicidade:

Muitos conceitos pregam que a felicidade vem após um longo processo. Mas, do ponto de vista do Budismo Nitiren é o ponto de partida. A felicidade capacita a pessoa a transformar o ambiente. É a causa da transformação e não o efeito. (*Brasil Seikyo*, ed. 2094, p. A6)

Conforme outro fragmento, “O ato de praticarmos o budismo implica na transformação radical de nossa vida e do ambiente em que estamos inseridos” (*Revista 10*, ed. 85, p. 13).

Ao tratar da questão da mudança profunda e radical que se pode concretizar na vida, um líder proferiu as seguintes palavras, que foram publicadas no jornal semanal:

“Revolução humana, do ponto de vista da SGI, não é o acúmulo natural de experiências e sabedoria provindas do envelhecimento. Mas, sim, uma mudança radical, profunda, rápida e intensa realizada por um budista disposto a viver plenamente a relação de mestre e discípulo Soka”, concluiu. (*Brasil Seikyo*, ed. 1927, 16 de fevereiro de 2008, p. A12)

Depois de ter passado por uma transformação na vida, mudando seus valores e conceitos, o praticante que se converteu deve então apresentar uma mudança em suas atitudes, em seu comportamento na sociedade, na forma como lida com as demais pessoas. Essa mudança deve ocorrer com base nos ensinamentos postulados por Nitiren:

Nitiren Daishonin nos ensina sobre a correta postura de um praticante budista em meio à sociedade. Sem dúvida, a prática da fé é a própria vida diária e o budismo é a própria sociedade. Assim, um digno budista deve apresentar comprovações concretas no local de trabalho, na organização e em meio às circunstâncias sociais de cada um, conquistando o respeito e a confiança de todos.

(*Brasil Seikyo*, ed. 2002, 5 de setembro de 2009, p. A8)

É justamente pelo fato de praticar os ensinamentos do budismo que o membro da BSGI tem a possibilidade de mudar sua vida, de melhorar:

O objetivo da prática do Budismo Nitiren é a transformação da própria vida, ou seja, mudar de

maneira efetiva a realidade: transformar o negativo em positivo. E tudo começa com a revolução humana pessoal. A recitação do *Nam-myoho-rengue-kyo* é a ferramenta perfeita para essa revolução. (*Brasil Seikyo*, ed. 2041, 26 de junho de 2010, p. A5)

Para alguém imerso no sofrimento e na angústia, é quase impossível por si só conseguir esperança ou motivação para seguir em frente. O Buda Nitiren Daishonin percebeu que as pessoas podem transformar a vida caso tenham o poder de fazer algo positivo a partir do negativo. Em outras palavras, é transformar o veneno em remédio e fazer com que os desejos mundanos conduzam à iluminação. (Ibid.)

Daí advém o conceito da transformação da personalidade, quando o indivíduo realiza uma mudança profunda que na BSGI se denomina de revolução humana. Tudo isso está intimamente conectado com a ideia de agir de forma correta na sociedade mantendo uma postura digna de um budista:

Participamos das atividades da BSGI, aprendemos sobre revolução humana, carma, lei de causa e efeito etc. e, além de tudo isso, recitamos *Daimoku* e *Gongyo* diariamente. No entanto, alguns parecem não conseguir transformar as circunstâncias e revolucionar a vida, enquanto que com outros isso ocorre rapidamente. Aí é que compreendemos as orientações que nos ensinam que a maioria dos objetivos considerados difíceis só são alcançados quando, além da fé, mudamos também nossa postura, nossa maneira de pensar e agir.

Sabemos que nossa postura como budistas deve ser: agir com sinceridade e respeito, acreditar em nosso potencial, ter esperança, sabedoria e jamais ser derrotado.

(*Brasil Seikyo*, ed. 1719, 11 de outubro de 2003, p. A2)

Implícitas nessas palavras está a idéia de que, por participar das atividades promovidas pela organização e por realizar uma prática constante dos ensinamentos do budismo, o indivíduo tem a possibilidade de transformar totalmente sua vida. Esse mesmo conceito está presente nas palavras seguintes:

Constantemente o presidente Ikeda enfatiza a importância de termos uma postura correta, sendo um exemplo não só na organização, mas principalmente na família, no local de trabalho e nos estudos, ou seja, na “própria sociedade”. Como praticantes do verdadeiro e correto ensino, temos a obrigação de comprovar esse aspecto por meio da nossa revolução humana.

Mas como mudar? Pela dedicação sincera na prática da fé! A seriedade e postura corretas diante da prática é o que nos possibilita mudar nosso pensamento, nossas atitudes e principalmente o coração!

(*Brasil Seikyo*, ed. 1918, 1º de dezembro de 2007, p. A2)

Ou seja, se a pessoa realiza uma prática correta, segundo os parâmetros definidos pela organização, e se age no dia a dia de acordo com aquilo que aprendeu durante as reuniões budistas, então é praticamente impossível que ela não consiga realizar sua revolução humana, pois

Nós praticamos o budismo para transformar o sofrimento (veneno) em felicidade (remédio), mudar uma circunstância negativa para positiva, transformar a má sorte em boa sorte. Essencialmente, os ensinamentos budistas enfatizam que a transformação do destino de toda a humanidade encontra-se no nobre caminho da revolução humana — a transformação interior de cada pessoa.

A revolução humana é a transformação fundamental no coração e na mente dos seres humanos. É ter uma vida ascendente, na qual continuamos a nos empenhar para crescer e melhorar.

O budismo ensina também que o eu e o outro estão tão intimamente ligados de forma que são inseparáveis. É necessário e primordial estender essa transformação individual (revolução humana) para outras pessoas. É a prática altruística do *Chakubuku*. Realizar o *Chakubuku* é um ato de benevolência de converter as pessoas ao verdadeiro ensino do budismo, refutando ao mesmo tempo o mal que se enraizou no coração das pessoas por seguir ensinamentos heréticos. É refutar o mal e submeter uma pessoa ao bem.

(*Brasil Seikyo*, ed. 1965, 29 de novembro de 2008, p. A2)

O que podemos observar, no entanto, é que, embora esse grande número de textos trate da mudança radical que se pode observar na vida do indivíduo que decide praticar o budismo, também apresentam uma contradição.

O budismo prega uma transformação constante e a Soka Gakkai baseia-se no conceito da revolução humana. Mas encontramos textos que apresentam a revolução humana tanto como uma mudança gradativa pela qual o indivíduo passa ao longo de sua prática, tornando-se uma pessoa de real valor e que contribui de forma significativa para a sociedade, como também como sendo uma transformação brusca que faz com que a pessoa mude totalmente sua personalidade. Notamos a presença dessa contradição nas seguintes palavras:

O presidente Ikeda responde: “Revolução significa ‘dar uma reviravolta’, uma repentina e profunda mudança.” A transformação gradativa ao longo dos anos, à medida que amadurecemos, faz parte da evolução natural da vida. Porém, a revolução humana só acontece quando ultrapassamos o ritmo normal de crescimento e embarcamos numa rápida mudança para melhor.

O processo da revolução humana é um aprimoramento firme e acentuado, que nos desenvolve eternamente. Jamais chegaremos a um limite, a um beco sem saída. A fé é a fonte de energia, para a contínua revolução humana.” (*Terceira Civilização*, ed. 523, p. 24)

A revolução humana é a mudança imediata, uma transformação radical. Não está na simples melhora das condições atuais. Ela é o retorno ao ponto primordial da vida, que provoca uma transformação interior, alterando a realidade exterior.

Certa ocasião, o primeiro presidente da SokaGakkai, TsunessaburoMakiguti, orientou: “Há um provérbio que diz: ‘Mesmo a poeira quando acumulada pode formar uma montanha’. Na realidade, não existem montanhas que se originam do lento acúmulo de poeira... As verdadeiras montanhas são constituídas pelas alterações súbitas e drásticas na crosta terrestre”.

A felicidade absoluta é como a montanha, inabalável. Ela não é formada pelo lento acúmulo de boas ações sem a transformação interior. A revolução humana é rápida, não leva uma vida inteira para se concretizar.

As montanhas são consequência das transformações nas profundezas da terra. Da mesma maneira, a felicidade é absoluta quando é fruto da revolução humana — uma mudança súbita e drástica no interior da sua vida. (Ibid.)

A respeito dessa mudança radical, uma dirigente central da organização fez a seguinte declaração, numa matéria que foi publicada na revista mensal *Terceira Civilização*, que tem como enfoque principal o estudo da filosofia do Budismo Nitiren:

Em menor escala de gravidade, (...) podemos perceber situações semelhantes dentro da organização, quando encontramos pessoas que aos olhos de todos estão realizando sua prática regularmente, porém sua vida não apresenta uma mudança significativa mesmo após anos ou que, de tempos em tempos, vêm-se à volta dos mesmos problemas anteriores à conversão ao budismo. É porque talvez continuem alimentando alguma tendência negativa de sua vida que não conseguem reconhecer ou, mesmo percebendo, não conseguem desafiar e mudar.

(*Terceira Civilização*, edição 421 – 1º de setembro de 2003, p. 13)

Nesse texto, vemos expressa a ideia de que a pessoa que se converteu precisa necessariamente apresentar alguma mudança em sua condição de vida.

Com base na pesquisa sociológica recente a respeito da conversão religiosa, podemos depreender que o discurso dos líderes da BSGI se encaixa no paradigma clássico, do qual falaremos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO IV

A CONVERSÃO DO PONTO DE VISTA SOCIOLÓGICO E A PESQUISA SOBRE A SOKA GAKKAI

Neste capítulo, apresentaremos um esboço da discussão sociológica a respeito da conversão religiosa com base num extenso levantamento bibliográfico.

Mostraremos as definições de conversão religiosa e também alguns elementos que consideramos ser importantes e representativos nesse tipo de conversão, os quais são: o motivo, que é um fator determinante que leva à conversão; o contexto social no qual o neófito está inserido; a mudança no universo do discurso do neófito e por fim a identidade, que é influenciada por diversos fatores e fazem com que o convertido busque elevar-se espiritualmente.

Em seguida, apresentaremos os paradigmas sociológicos da conversão religiosa: o antigo, ou clássico, e o novo. A discussão sociológica acontece em torno desses dois paradigmas, que por sua vez se desenvolvem com base em três eixos: (1) o eixo temporal, ou seja, quanto tempo leva para a conversão se concretizar; (2) o eixo relativo à intensidade, isto é, com que profundidade ela ocorre; e (3) o eixo ligado à questão da sociabilidade, ou seja, em que ambiente social a conversão religiosa acontece. Esses três elementos estão presentes nos dois paradigmas, embora apresentem diferenças significativas.

Por fim, faremos também um resumo da recente discussão sociológica sobre a organização leiga Soka Gakkai.

IV.1 Operacionalização da conversão

IV.1.1 Definições de conversão religiosa

A conversão é uma questão central na pesquisa sociológica sobre a religião e constituiu também um dos primeiros temas a ser estudados cientificamente no campo da psicologia (Paloutzian 2005: 331). Em linhas gerais, converter-se significa mudar de uma religião para outra, ou adotar uma nova fé.

Diferentes autores dão suas próprias definições a respeito da conversão religiosa, as quais convergem geralmente para a mesma direção: a mudança de status religioso de uma pessoa.

Mas a conversão religiosa não se restringe apenas ao aspecto psicológico do ser humano, sendo muito mais abrangente, já que envolve as questões sociais e culturais nas quais o indivíduo está inserido. E também não é apenas a simples adesão a um grupo religioso diferente daquele no qual o indivíduo estava inserido anteriormente. Ela vai mais além, pois “implica a aceitação de um novo conjunto de normas e valores e até mesmo a adoção de um novo estilo de vida que pode levar à estigmatização do indivíduo pelos grupos sociais” (Pitulac e Nastuta 2007: 80).

Assim, apresentamos a seguir algumas definições de conversão religiosa antes de adentrarmos nos tópicos sobre os paradigmas da conversão.

A discussão propriamente dita a respeito da conversão religiosa se inicia historicamente com William James, em *As Variedades da Experiência Religiosa*, em que o autor apresenta a conversão como um dos fenômenos fundamentais no âmbito da religião, levando o indivíduo a passar por uma mudança profunda e repentina em sua visão de mundo, pois, nas palavras do autor, “a imagem da natureza que está diante de seus olhos sofre uma transfiguração, e assim lhe parece que um novo céu passa a brilhar sobre uma nova terra” (James 1902: 151).

O autor define “conversão” com as seguintes palavras:

Converter-se, regenerar-se, receber a graça, experimentar a religião, obter segurança, são todas frases que denotam o processo, repentino ou gradual, pelo qual uma personalidade dividida até então, conscientemente equivocada, inferior ou infeliz, torna-se unificada e conscientemente feliz, superior e correta, como consequência do fato de ter se firmado em realidades religiosas. É isso o que significa conversão em termos gerais, acreditemos ou não na necessidade de uma operação divina direta para trazer à tona essa mudança moral. (James 1902: 188)

Há autores que definem a conversão como um fenômeno típico da puberdade e da adolescência (Ibid.: 19) e outros que afirmam que ela começa na adolescência e perdura por toda a vida adulta do indivíduo, colocando-a num meio termo, ou seja, não ocorre de forma súbita e também não se caracteriza como um processo lento e gradativo:

A conversão pode ser considerada como uma forma mais ou menos rápida de socialização, embora algumas conversões surjam da busca consciente de significado.

Esse processo pode resultar numa conversão relativamente gradativa que não é repentina mas também não constitui um processo que dura duas décadas de “crescimento” que é normalmente considerado como o período de socialização religiosa. (Levenson, Aldwin e D’Mello 2005: 150)

Para a teologia, converter-se significa voltar-se totalmente para Deus, mas foi a psicologia que nos trouxe estudos sobre a questão da conversão sob diferentes aspectos, uma vez que levava em consideração elementos como o ambiente social do indivíduo e sua personalidade anterior, entre outros (Lee 1998: 147), como fundamentais para a conversão religiosa.

A psicologia, por sua vez, sempre considerou relevante a questão da conversão, sendo que muitos estudiosos da disciplina se dedicaram à experiência da conversão, deduzindo a partir de suas pesquisas diferentes teorias sobre o tema e nos trazendo, entre outros, aqueles que primeiramente se dedicaram a pesquisar mais profundamente a conversão religiosa do ponto de vista psicológico, como Edwin Diller Starbuck, no ano de 1912 e William James, nos idos de 1903 (Rambo 1992: 159; Lee 1998: 147).

Stark e Bainbridge, embora optem pelo termo “afiliação” no lugar de conversão, por considerarem que o termo “afiliação” demonstra uma ambivalência em seu sentido, já que pode representar os dois lados — o do grupo religioso que busca novos adeptos e o do indivíduo que procura juntar-se a esse novo grupo (Stark e Bainbridge 2008: 250) —, definem conversão como a “afiliação de uma pessoa a um novo grupo religioso, conceituada como uma transformação positiva de sua natureza e valor” (Ibid.: 252).

Para Rambo e Farhadian, “conversão” é o termo mais apropriado para mostrar que a

mudança de religião é um processo contínuo e complexo que envolve muitas dimensões diferentes e proporciona um modelo heurístico baseado em estágios que podem servir como uma estrutura na qual a natureza dos processos de conversão podem ser observados de uma forma mais adequada. (Rambo e Farhadian : 23)

Outra definição de conversão religiosa mostra que ela “ocorre quando há uma mudança *tanto* nos destinos como também nos caminhos que uma pessoa segue na vida com relação ao que é sagrado” (Mahoney e Pargament 2004: 483).

Ainda no campo da psicologia, alguns autores também apresentam a conversão religiosa como uma íntima transformação no mundo interior do indivíduo. A essa profunda mudança, Mahoney e Pargament dão o nome de conversão espiritual (Ibid: 482), que se apresenta na forma de uma reorientação da pessoa entre o sagrado e sua própria personalidade, e essa reorientação se dá em dois níveis diferentes.

Antes, é importante salientar que esses autores comparam a religião a uma jornada, em que o indivíduo tem diante de si um “caminho” e o “destino final”. Assim, o caminho seriam os aspectos ou os meios que a pessoa adota para conseguir concretizar um objetivo, ou o destino final. Ou seja, a conversão religiosa ocorre quando há uma mudança nos dois aspectos — o caminho e o destino final — em relação àquilo que a pessoa considera como sagrado em sua vida (Ibid). É quando o indivíduo muda seu caminho para chegar ao destino final que escolheu:

Essa transformação pode envolver mudanças nos relacionamentos, nos hábitos, nos modelos de pensamento, nas reações emocionais e, o que é mais comum, apresenta um novo senso de orientação na jornada da vida. Em conjunto, a conversão espiritual

altera de forma radical a compreensão que o indivíduo tem do sagrado, da personalidade, dos relacionamentos e do lugar que ele ocupa no universo (Ibid.: 483).

Ou seja, o indivíduo torna-se convertido quando realiza uma mudança nos vários aspectos que fazem parte de seu dia a dia. (Ibid.: 484).

Há autores fazem uma diferenciação entre conversão e adesão, embasada na afirmativa de A. D. Nock (1933) de que a conversão é uma “reorientação do espírito”, ao passo que a adesão “envolve a aceitação de novas religiões como suplementos úteis e não como substitutos” (Snow e Machalek, p. 169).

Apresentadas essas definições de conversão religiosa, trataremos no tópico seguinte dos elementos constituintes da conversão.

IV.1.2 Constituintes da conversão religiosa

Consideramos que existem alguns elementos que se destacam por constituírem fatores relevantes e determinantes para a conversão: o contexto social, o motivo, a mudança no universo do discurso e a identidade.

Diferentes autores concordam em que deve haver um motivo que desencadeia a conversão, ou vários, por conduzir o indivíduo à busca de sentido para sua existência e a busca da elevação espiritual, e que a conversão está relacionada ao contexto social no qual a pessoa está inserida — os amigos, os vizinhos, o grupo social mais próximo podem influenciar na decisão por converter-se ou não a determinado grupo religioso.

E quando o neófito passa a fazer parte de um diferente grupo religioso, procura adaptar-se a esse novo ambiente, fato que o leva a passar por alterações em sua identidade, adotando posturas que sejam condizentes com o grupo, causando, por exemplo, uma mudança em sua visão de mundo e também em sua forma de se expressar. São esses aspectos que veremos nos tópicos a seguir, os quais são indicativos da conversão religiosa.

IV.1.2.1 O contexto social

O contexto no qual o indivíduo está inserido exerce diferentes influências que podem levá-lo a optar por um determinado grupo religioso.

Rambo e Farhadian demonstram que a conversão é um processo que por si só envolve diferentes dimensões, que os autores classificam em estágios e os enumera no total de sete. Esse processo de transformação religiosa de Rambo e Farhadian estão intimamente entrelaçados, embora apresentem também características distintas entre si, e o primeiro desses estágios é o contexto, sendo os demais: crise, busca, encontro, interação, comprometimento e consequências (Rambo e Farhadian 1999: 23–34). Para eles, o “contexto” é o ambiente em que a conversão ocorre:

O contexto é a ecologia onde ocorre a conversão. Poderíamos argumentar que o contexto não constitui rigorosamente um estágio mas sim todo o ambiente da mudança religiosa. O contexto influencia cada estágio e cada estágio por sua vez exerce um impacto recíproco sobre o contexto. Uma dialética incisiva transparece entre esses estágios e o contexto (Ibid.: 24)

Além do impacto e da influência recíproca de cada um desses estágios enumerados por Rambo e Farhadian, o contexto também se subdivide em três — macrocontexto, microcontexto e mesocontexto. Essas esferas também se entrelaçam e especificam os elementos externos e internos que envolvem o processo de conversão de um indivíduo. Por isso, os autores definem o contexto como um “campo de força dinâmico”.

As três esferas que compreendem o estágio do contexto envolvem os aspectos que estão mais próximos do indivíduo e que exercem uma influência em maior ou menor grau em sua conversão, mostrando que ela depende efetivamente de uma análise racional de sua situação e do ambiente que está ao seu redor. Assim,

o macrotexto compreende os domínios que estão em uma escala mais ampla, ou seja, são os sistemas políticos ou a própria cultura e sociedade nas quais o indivíduo está inserido, seja desde o seu nascimento, ou não. A esfera do macrocontexto envolve ainda as organizações religiosas, as corporações multinacionais, os sistemas econômicos. O microcontexto abrange o mundo mais pessoal do indivíduo, ou seja, a família, os amigos, os vizinhos, e ainda aquilo que ele considera como uma vocação e também outros aspectos de sua vida que influenciam seus pensamentos, sentimentos e ações. E o mesocontexto é justamente a esfera que contém os aspectos que fazem a mediação entre o macrocontexto e o mesocontexto. Fazem parte do mesocontexto o governo local, a política e a economia regional e as instituições religiosas locais. (Rambo e Farhadian (1999: 24–25)

Rambo e Farhadian também afirmam que a conversão não depende apenas do contexto no qual o indivíduo estava inserido, pois o contexto não envolve apenas o ambiente religioso, mas sim tudo o que faz parte de sua vida cotidiana, como o sistema econômico, as questões políticas, a vida familiar e

social. As influências sociais têm assim um aspecto relevante no que diz respeito à conversão (Snow e Machalek 2007). Ou seja, a conversão religiosa não depende apenas do elemento de sacralidade, mas envolve diferentes aspectos da vida do indivíduo, uma vez que ele está inserido dentro de um contexto social e por isso sofre influências e também influencia em seu desenvolvimento, uma vez que não pode dissociar-se da sociedade.

Como as pessoas fazem parte de diferentes contextos sociais, também haverá uma diferença na resposta que elas apresentarão com relação à conversão ou não a uma religião. Isso se deve ao fato de elas terem diferentes objetivos na vida e por fazerem parte também de redes sociais diferentes, sendo que essas redes irão lhes proporcionar diversas oportunidades de se converter ou não. (Paloutzian, Richardson e Rambo 1999: 1068)

IV.1.2.2 O motivo

O segundo elemento constituinte da conversão é o motivo, que é um dos fatores determinantes para a tomada de decisão do indivíduo que está diante de uma nova oferta religiosa.

A pessoa que busca essa nova oferta está à procura de uma ressignificação para sua vida, uma mudança para melhor.

Park apresenta dois conceitos de significado, já que “o significado é fundamental para a existência humana” (Park 2005: 296) e faz uma diferenciação entre “significado global” e “objetivo global”, apesar de ambos estarem relacionados. O “significado global” tem a ver com o significado geral da própria vida do indivíduo e é constituído por três aspectos — crenças, objetivos e sentimentos subjetivos — e estão ligados à maneira de lidar com

diferentes situações de adversidades. Já os “objetivos globais” estão diretamente relacionados aos ideais, ou aos objetivos que as pessoas consideram como os mais importantes na vida. Como objetivos globais podem ser listados o trabalho, os relacionamentos, as questões de saúde, entre outros. (Ibid.: 297)

Assim, aceitar uma nova oferta religiosa ou não dependerá dos objetivos de vida que o indivíduo cultiva para si, já que

a religião é fundamental para os propósitos de vida de muitas pessoas, proporcionando a motivação máxima e os objetivos primários para viver assim como as prescrições e as diretrizes para conquistar esses objetivos. (Park 2005: 299)

Para Paloutzian, o motivo para a conversão religiosa pode estar na dúvida ou na pressão para realizar a mudança, constituindo dessa forma um elemento fundamental para isso:

Um elemento-chave para qualquer processo de conversão ou de transformação deve ser algum elemento de dúvida, de pressão ou de motivação para mudar: não há razão para mudar o sistema de crença de uma pessoa ou sua visão de mundo se não houver nenhuma dúvida com relação a elas ou se sua condição de vida não foi confrontada com as crenças ou práticas religiosas da pessoa e que sejam suficientes para serem questionadas. (Paloutzian 2005: 336)

O envolvimento com a religião também pode estar relacionado com a disposição de perdoar outras pessoas (McCullough, Bono e Root 2005: 398).

Pode ainda estar intimamente relacionado a uma crise, que pode ser causada por elementos externos ou ser de ordem intimamente pessoal, sendo que essa crise pode se constituir numa catalisadora para a mudança (Rambo e Farhadian 1999: 24).

Além disso, é preciso considerar a impossibilidade de destacar apenas um incidente em particular como sendo o único responsável pela conversão de uma pessoa (Joy: 49), justamente devido à complexidade e continuidade que envolvem a conversão religiosa.

IV.1.2.3 A mudança no universo do discurso

Outro elemento que caracteriza a conversão é a presença de uma mudança no universo do discurso dos convertidos.

São vários os autores que afirmam que as mudanças vão além do aspecto espiritual do convertido. Não apenas os valores e as crenças, mas também o comportamento da pessoa passa por uma transformação. Um dos aspectos em que essa mudança comportamental se apresenta de forma marcante é na linguagem. “Uma vez que a conversão envolve uma mudança radical, o universo do discurso constitui um conceito relevante”, afirmam Snow e Machalek (1983: 265).

Esses mesmos autores afirmam também que a conversão representa uma mudança no universo do discurso, e não apenas uma mudança de crenças e valores (Snow e Machalek 1983: 170). Ou seja, o neófito procura aprender a linguagem utilizada no novo meio religioso do qual ele passa a fazer parte, pois isso constitui uma forma de socialização e também de afirmação de sua parte e de aceitação da parte dos outros.

IV.1.2.4 Mudança de identidade

A conversão pressupõe a ocorrência de uma mudança na biografia pessoal (Streib 2007: 8), o que por sua vez constitui também a transformação de identidade, fazendo com que o convertido passe a ter uma nova visão de mundo.

Isso ocorre porque o indivíduo que passa a integrar um diferente movimento religioso sente-se no dever de aprender a comportar-se de acordo com os demais integrantes, procurando interagir com as pessoas do grupo do qual ele agora faz parte. Assim, poderá sentir-se como parte integrante da comunidade religiosa.

Essa transformação “envolve a remodelação da identidade para que ela se torne consistente com o que se considera apropriado pelos outros devotos. O apoio do grupo é de particular importância para que essa transição seja bem-sucedida”, conforme afirmam (Pitulac e Nastuta 2007: 83).

Veremos nos tópicos a seguir uma síntese dos dois paradigmas da conversão religiosa.

IV.2.1 Síntese do antigo paradigma da conversão

Para entender as implicações do antigo paradigma da conversão, também denominado de paradigma clássico, extraímos da literatura especializada referências sobre a experiência de Paulo, na Bíblia, que representam uma metáfora para ilustrar a essência dos elementos centrais, ou hipóteses implícitas, desse paradigma.

Antes conhecido como Saulo, esse grande perseguidor dos cristãos nos primórdios do cristianismo converte-se subitamente a essa fé e passa então a chamar-se Paulo. A partir da conversão, ele se torna um dos maiores divulgadores de sua nova fé, dando mostras da profundidade com que havia aceitado os novos ensinamentos na mudança que passou a apresentar em seu comportamento e em suas palavras. Podemos encontrar o relato de sua conversão nos escritos do Novo Testamento, especificamente em Atos dos Apóstolos 9: 17–19:

“Então Ananias foi, entrou na casa, pôs as mãos sobre Saulo e disse: ‘Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que lhe apareceu no caminho por onde você vinha, enviou-me para que você volte a ver e seja cheio do Espírito Santo’. Imediatamente, algo como escamas caiu dos olhos de Saulo e ele passou a ver novamente. Levantando-se, foi batizado e, depois de comer, recuperou as forças.”

O que percebemos nessa citação é a presença de três aspectos fundamentais relativos à conversão, que são os elementos relativos à intensidade, à sociabilidade e ao tempo com que a conversão acontece. Assim, podemos notar que esse texto se posiciona diante da questão da profundidade do processo, mostrando a conversão de Paulo como um evento totalizante, ocorrido num determinado momento e por sua decisão própria.

Por isso, esse modelo de conversão, em que num solitário momento de reflexão o indivíduo abandona subitamente a fé que havia praticado até então e toma a decisão de usufruir de uma nova oferta religiosa que lhe foi apresentada, e lhe pareceu bastante atraente e interessante a ponto de ser totalmente aceita, é também chamado de conversão paulina.

Para entender as afirmações essenciais do paradigma clássico, a literatura secundária compara esse modelo com o texto bíblico sobre a conversão paulina, que é um modelo de conversão radical. Esse modelo se baseia primariamente na conversão de Saulo à fé cristã pelo fato de ele ter mudado radicalmente seu comportamento depois de se converter ao cristianismo.

Como mostram as palavras “algo como escamas caiu dos olhos de Saulo e ele passou a ver novamente”, extraídas do texto bíblico citado acima, segundo o paradigma clássico, a conversão ocorria de forma totalizante e solitária, com o indivíduo abandonando por completo as práticas e crenças anteriores e a forma como conduzia sua vida, assim como fez Paulo. Ele também passou por uma transformação repentina, abandonando suas crenças anteriores após ser conduzido por forças divinas, o que o levou a adotar uma nova personalidade e a ter um novo comportamento, um fato que ocorreu uma única vez e que se considera que tenha sido mantido permanentemente (Streib 2007: 8).

Um estudo sobre os aspectos neurocognitivos da conversão mostra que as descrições de conversão encontradas na Bíblia destacam as transformações ocorridas em quatro aspectos — a crença, a visão de mundo, a afeição ou emoção e o comportamento — que enfatizam mais especificamente a qualidade dessas descrições e não sua riqueza (Brown e Caetano 1992: 148). Assim,

a descrição bíblica de conversão incluiria: (1) mudanças em expressões verbais de crença manifestas de forma sincera; (2) mudanças em perspectivas de vida mais amplas e em grande parte inefáveis com base nas quais as atitudes são formadas e os comportamentos expressos; (3) algum grau de experiência afetiva positiva, particularmente no caso de conversões mais repentinas e drásticas e (4) algumas consequentes mudanças no comportamento observável. (Ibid: 149)

Essas mudanças se mostram na forma como o neófito expressa sua crença e nos comportamentos adquiridos, que passam por uma drástica transformação; também sua forma de encarar a vida muda fundamentalmente e o neófito adota uma nova perspectiva, muitas vezes baseada numa profunda emoção, já que essa nova visão de mundo tem para ele um profundo significado.

A conversão também era considerada muito mais como um fenômeno individual do que social, especialmente para William James, que insistia na singularidade da conversão religiosa (Pitulac e Nastuta 2007: 80).

Quanto à questão da intensidade, precisamos levar em consideração que a “conversão” representa uma modificação do contexto religioso em que a pessoa foi socializada, fazendo com que ela passe a viver num contexto novo, constituindo assim um momento-chave em sua biografia.

Assim, conversão constitui uma mudança drástica, um momento em que o indivíduo passava por uma transformação total, deixando para trás os pontos de vista que havia adotado até então e adotando outros (Snow e Machalek 1984: 169).

Se de acordo com o paradigma clássico o indivíduo que se convertia passava por uma súbita transformação em sua personalidade, sendo que essa mudança era vivenciada numa perspectiva solitária e totalizante, sem depender necessariamente da rede social da qual fazia parte, o mesmo processo não ocorre quando analisamos as constituintes do novo paradigma da conversão, que veremos no tópico seguinte.

IV.2.2 Síntese do novo paradigma

As mesmas questões citadas anteriormente, ou seja, as dimensões relativas ao tempo, à intensidade e ao contexto social aparecem de maneira diferente no novo paradigma.

De acordo com estudos sociológicos recentes, tem havido nos últimos anos uma mudança de postura com relação ao entendimento sobre esse tema. Várias são as teorias que destacam a dinâmica do processo de conversão.

Quanto ao primeiro eixo, que diz respeito ao momento da conversão, as recentes pesquisas sociológicas demonstram que a conversão constitui um processo, que é complexo e também se dá de forma contínua, e não um fato que ocorre num determinado momento da vida do indivíduo, desencadeando uma total transformação em sua vida. Diferentes pesquisadores concordam também em que o processo de conversão acontece em fases.

Para Alan Tippett, por exemplo, esse processo se divide em quatro períodos e três pontos, sendo que todos esses aspectos se relacionam com diferentes experiências individuais e estão diretamente ligados à questão do comprometimento com a nova crença religiosa (Takamizawa 1999: 168). Os quatro períodos de Tippett são os períodos da conscientização, da tomada de decisão, da incorporação e da maturidade, e os três pontos são os da percepção, do encontro e da consumação.

Rambo também fala que existe a possibilidade de a conversão ocorrer de forma instantânea, mas afirma que “a maior parte das conversões são graduais”, ou seja, “a mudança religiosa constitui geralmente um processo que envolve um complexo entrelaçamento de forças pessoais, sociais, culturais e religiosas”. (Rambo 1992: 159).

Essas forças representam uma mediação que o indivíduo faz entre suas crenças anteriores e as diferentes oportunidades que lhe são apresentadas com a nova oferta religiosa que tem diante de si.

Hoje em dia a visão mais radical de que a conversão constituía um ponto central e marcante que mudava a biografia de um indivíduo está mudando porque as recentes pesquisas sociológicas têm procurado demonstrar o caráter multifacetado da conversão, apresentando-a como um processo fundamentado em diferentes características que lhe conferirão aspectos bastante diversificados, dependendo do contexto em que o indivíduo estiver inserido.

Rambo e Farhadian consideram que o processo de conversão também tem uma diversidade imensa e o dividem em sete categorias, algumas das quais já mencionamos em tópicos anteriores. Essas características são a crise, que constitui um elemento catalisador para a mudança; a busca, que faz o indivíduo sair em busca da salvação; o encontro, que o faz se engajar em novas opções; a interação, por meio da qual surge a possibilidade de criação de novas identidades; o comprometimento, que ocorre quando o convertido consegue consolidar suas novas orientações espirituais; e as consequências, que se referem à avaliação dos efeitos da conversão.

Segundo Rambo e Farhadian, esses estágios da conversão religiosa, além de desiguais, pois demonstram algumas vezes uma grande vitalidade e, em outras, apresentam uma certa inatividade, também causam um impacto em diferentes graus na vida do converso. Além disso, são também marcados por avanços e declínios, sendo que a vida do converso se movimenta por esses estágios, e é isso o que torna esse processo dinâmico (Rambo e Farhadian 1999: 33).

De fato, os eixos relativos à intensidade e à sociabilidade estão intimamente relacionados na visão do novo paradigma, já que para se socializar, é necessário que haja um diálogo entre as partes, uma comunicação.

O contexto social, neste caso, não constitui um estágio por si só, possuindo uma dimensão mais ampla, já que se refere ao ambiente, ao meio social em que ocorre a mudança de religião e, sendo assim, acaba por influenciar no processo de conversão (Pitulac e Nastuta 2007: 84).

IV.2.3 A pesquisa sobre a conversão à Soka Gakkai

A Soka Gakkai ainda constitui um grupo não muito conhecido entre os brasileiros, principalmente os que se encontram fora dos grandes centros urbanos. No entanto, há décadas que estudiosos do campo religioso vêm se dedicando a pesquisar essa organização budista que já completou 52 anos de fundação no Brasil.

Como já verificamos nos capítulos anteriores, a Soka Gakkai realmente apresenta para o pesquisador uma rica fonte de análise por ser uma organização budista japonesa que procurou se adaptar às sociedades ao redor do mundo inteiro onde fincou suas raízes. O mesmo acontece com sua filial brasileira, a BSGI: um grupo ainda pouco analisado pelos estudiosos, principalmente se levarmos em consideração a questão da conversão de brasileiros ao budismo japonês praticado na Soka Gakkai.

Com relação à pesquisa internacional, gostaríamos de destacar duas obras que possuem íntima relação com nossa análise do discurso proselitista dos líderes da BSGI e do processo de conversão ao Budismo Nitiren, uma vez

que ambos os trabalhos enfocam o tema da conversão na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Bryan Wilson e Karel Dobbelaere (1994), em *A Time To Chant: the Soka Gakkai Buddhists in Britain*, procuraram mostrar os típicos processos do encontro e da atração a um novo movimento religioso e os aspectos que fazem com que as pessoas se mantenham comprometidas com ele.

Os autores dividiram o processo de conversão em três fases distintas, que são: encontro, atração e conversão. A análise que ambos os autores fizeram das práticas do Budismo Nitiren na Grã-Bretanha se reflete na importância que ambos atribuem à biografia religiosa do converso, os motivos que o levaram à conversão e os benefícios decorrentes da prática do budismo.

Não há como estabelecer um padrão pelo qual as pessoas se envolvem com um novo movimento religioso, e por isso os autores procuraram demonstrar quais as foram os motivos que levaram as pessoas se interessar pelo Budismo Nitiren e o que fez com que o interesse inicial as transformasse em membros dedicados ao movimento.

Phillip Hammond e David Machacek, no livro *Soka Gakkai in America: Accomodation and Conversion* (1999), fazem uma ampla análise da prática do Budismo Nitiren entre os membros da organização Soka Gakkai nos Estados Unidos. Os autores também apresentam sua própria denominação do que chamam de fases do processo de conversão: encontro, recrutamento e conversão.

Para Hammond e Machacek (1999: 110–114), os membros da Soka Gakkai constituem um tipo particular de consumidores. Uma vez que estão inseridos numa cultura consumista, dizem os autores, esses budistas preocupam-se com o impacto de suas escolhas e com o que essas escolhas e também seu comportamento podem causar na vida de outras pessoas.

Dentre os trabalhos realizados mais recentemente por pesquisadores em outros países apresentando um raio-X da Soka Gakkai, verificamos que essas análises também, entre outros aspectos, tratam geralmente do tema da adesão à Soka Gakkai, porém nos respectivos países onde a organização foi estudada, como Daisuke Inoue (2006), que em sua dissertação *Un Nuevo Movimiento Religioso Japonés en México: la Soka Gakkai*, trata especificamente do processo de conversão de mexicanos a essa organização religiosa japonesa.

Inoue apresenta a conversão como um amplo processo de interação humana, dividindo esse processo em cinco etapas fundamentadas nas motivações que conduzem à prática religiosa (p. 45) e afirmando que a conversão se realiza ao longo dessas etapas e não especificamente na primeira etapa, a do ingresso (p. 55).

No caso específico da Soka Gakkai, em *O Budismo Leigo da Soka Gakkai: da Revolução Humana à Utopia Mundial*, Ronan Alves Pereira (2001) dedicou sua pesquisa de doutorado a estudar o sucesso da transplantação da Soka Gakkai para o Brasil. Em sua pesquisa, Pereira apresentou uma profunda análise da Soka Gakkai e sua difusão no País.

Ronan Alves Pereira (2005) aponta um levantamento realizado no início da década de 1970 sobre as publicações referentes a essa organização, indicando que em torno de cento e quarenta títulos já haviam sido lançados até aquela ocasião, tanto pela própria Soka Gakkai como também por outras fontes. E também enfatiza que os dados e as conclusões dos estudos sobre a Soka Gakkai dependiam da época em que essa organização foi estudada, o que fazia com que cada autor lançasse sobre ela um enfoque diferenciado.

O próprio Pereira (2005) delineou uma interessante demarcação, a qual chamou de sete perspectivas, nas quais incluiu os trabalhos de diferentes pesquisadores do mundo inteiro, destacando que nem sempre essas análises

foram dedicadas a apenas um aspecto da Soka Gakkai. As sete perspectivas de Pereira são “sensacionalismo jornalístico”, “interpretação sociológico-política”, “religião popular surgida em época de crise”, “movimento popular cujo *ethos* desempenha funções terapêuticas e integradoras”, “novo movimento religioso adaptado às sociedades avançadas contemporâneas e/ou parcialmente identificado com alguns movimentos da Nova Era”, “movimento de revitalização e/ou de reforma” e “movimento de renovação das ideias milenaristas de Nitiren”.

De fato, a maior parte dos pesquisadores que se dedicaram a analisar a Soka Gakkai optaram pelo enfoque num determinado tema, seja sociológico, antropológico ou psicológico, como a questão das mulheres (Santos 2009), ou o próprio tema da conversão e dos convertidos em diferentes aspectos psicossociais (Andrade 2010).

Verificamos que com bastante frequência esses pesquisadores apresentam a conversão como um processo dividido normalmente em três fases, que podemos definir aqui como encontro, atração e conversão, nos mesmos moldes de Wilson e Dobbelaere (2004). Sendo que “encontro” designa o primeiro contato do indivíduo com a organização Soka Gakkai; “atração” se refere a tudo o que chama a atenção do futuro converso para as novas práticas; e “conversão”, o próprio processo segundo o qual o converso se insere no novo meio religioso.

No entanto, os trabalhos de pesquisa sobre essa organização budista têm se preocupado mais em realizar uma análise quantitativa, dedicando-se à verificação dos processos de transplantação, adaptação e difusão da Soka Gakkai entre os brasileiros e preocupando-se com o fato de a organização ter um elevado número de adeptos.

No caso específico da Soka Gakkai no Brasil, a BSGI, esse processo pode não se restringir a apenas três fases, podendo se estender num espectro ainda mais amplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa surgiu da observação inicial de que os discursos dos líderes da Associação Brasil Soka Gakkai Internacional apresentam um caráter proselitista, demonstrando uma preocupação evidente de ensinar aos possíveis neófitos que, ao adotarem exclusivamente a prática do Budismo Nitiren, terão a possibilidade de realizar uma profunda transformação em sua vida.

Como vimos a partir das recentes teorias sociológicas sobre os paradigmas da conversão, esse é um evento que ocorre num determinado momento da vida da pessoa e a faz passar por uma intensa transformação interior, fazendo com que ela mude seu comportamento e sua cosmovisão, sua interpretação do mundo. Ao contrário, a conversão é um processo que se dá ao longo de um período indeterminado e leva o indivíduo a realizar diversas mudanças, profundas ou não, em seu modo de pensar e agir cotidianamente.

Grosso modo, anteriormente se considerava que a conversão ocorria de forma instantânea, ou seja, acontecia num determinado momento, em geral causada por alguma crise na vida do indivíduo (Rambo e Farhadian 1999). A forma de conversão mais evidente e que mais prevalecia entre as pessoas que aderiam a alguma fé religiosa era aquela que aparentemente se realizava nos encontros de reavivamento e, justamente por isso, os primeiros estudos sobre a conversão mostravam-na como uma mudança drástica e totalmente radical, envolvendo principalmente adultos ainda jovens ou mesmo adolescentes (Rambo 1992: 159)

Anteriormente se considerava que a conversão consistia de uma súbita mudança nas crenças e no comportamento do indivíduo. Essa mudança era em

geral desencadeada por uma crise que lhe causava uma profunda agitação emocional.

Segundo o novo paradigma, em vez de ocorrer num determinado momento, de forma súbita, totalizante e solitária, a conversão tem um caráter processual, desenvolvendo-se ao longo de um certo período de tempo, e o indivíduo participa de um diálogo que o leva a conscientizar-se sobre a nova fé e a comprometer-se com ela, já que está inserido num contexto social. Sendo assim, sua conversão não se realiza individualmente, mas depende de uma série de fatores que fazem parte desse contexto, os quais têm uma participação na decisão final do converso.

Embora hoje em dia seja consenso o fato de a conversão ter uma característica processual, também há a possibilidade de que ela ocorra de forma repentina.

Os textos publicados nos periódicos da BSGI parecem pender para uma adequação nos moldes do antigo paradigma da conversão, afirmando que a pessoa que se converte ao Budismo Nitiren tem diante de si a possibilidade de uma vida totalmente diferente. Isso fica evidente no emprego de termos como “mudança radical” e “brusca mudança”.

Também a questão da “revolução humana”, princípio de grande relevância para a Soka Gakkai, demonstra o aspecto de uma conversão súbita, que não necessita de um longo período de tempo. O convertido precisa demonstrar uma profunda fé e determinação em sua prática diária para que possa realizar essa total transformação em seu ser.

Um fato que nos chama a atenção é que a na literatura sobre a conversão religiosa encontramos afirmações de que ela pode ocorrer de forma instantânea, mas a maior parte delas é gradativa, já que depende de uma complexidade de fatores (Rambo 1992, 159; Dronen: 244), podendo ser um processo longo ou não.

Rambo também afirma que a “conversão é aquilo que um grupo em particular afirma ser” (Ibid.: 160), assim, os discursos da BSGI demonstram que a conversão ao Budismo Nitiren é uma conversão repentina, é um fato que muda a biografia do novo membro, que o faz ser uma pessoa melhor: tudo depende da decisão individual do convertido.

O discurso religioso tem a característica de representar a linguagem religiosa, manifestando as experiências individuais com relação ao divino e a linguagem religiosa busca trazer uma interpretação da religião (Grimes 1994: 21). Outra característica do discurso religioso é que ele apresenta suas próprias peculiaridades, pois precisa estar de acordo com a fé e a doutrina que afirma.

Assim, notamos que o discurso religioso da BSGI, que apresenta características proselitistas, não se afasta do exclusivismo adotado por Nitiren ao apresentar uma forma de budismo engajada na sociedade mas também centrada no indivíduo, o que abre uma perspectiva para novos estudos a esse respeito, uma vez que o discurso proselitista da BSGI ainda não havia recebido muita atenção da pesquisa científica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Emerson da Costa

2010. *Identidade e Metamorfose: um estudo psicossocial com convertidos ao budismo da BSGI de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

BECKFORD, James A.

1978. "Accounting for Conversion". In *British Journal of Sociology* 29/2.

BORNHOLDT, Susana Ramos Coutinho

2008. "Japanese Buddhism and Social Action: the case of Soka Gakkai in Brasil". São Paulo: Revista Nures nº 10.
2010. "Fronteiras de Significado: budismo e prosperidade no Brasil". *Ciências da Religião — História e Sociedade* 8, Nº 2: 95–106.

BRODAY, Deborah A.

1997. *From Juddhaism to Buddhism: Jewish women's search for identity*.

BROTHERSTON, Bruce W.

1924. Religion and Instinct. *The Journal of Religion* 4/5: 504–521.

CLEARY, Edward L.

2004. "Shopping Around: questions about Latin American conversions". *International Bulletin of Missionary Research*. New Haven, Connecticut, EUA: Overseas Ministries Study Center, vol. 28.

COOGAN, Michael D.

2007. *Religiões — História, Tradições e Fundamentos das Principais Crenças Religiosas*. São Paulo: Publifolha.

COORDENADORIA DA CIDADE DE SÃO PAULO DA ASSOCIAÇÃO BRASIL-SGI, org.

2005. *Guia para Líderes: edição comemorativa do 45º aniversário de fundação da SGI*. São Paulo: Editora Brasil Seikyo.

DRONEN, Tomas S.

2006. "Scientific Revolution and Religious Conversion: a closer look at Thomas Kuhn's theory of paradigm-shift". *Method and Theory in the Study of Religion* 18: 232–252.

ECKEL, Malcolm David

2007. "Budismo". In COOGAN, Michael D. *Religiões — História, Tradições e Fundamentos das Principais Crenças Religiosas*. São Paulo: Publifolha.

2009. *Conhecendo o Budismo: origins, crenças, práticas, textos sagrados, lugares sagrados*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

GEE, James Paul

2011. *How to do Discourse Analysis: A Toolkit*. Nova York: Routledge.

GONÇALVES, Ricardo Mário.

2005. "As Flores do Dharma Desabrocham sob o Cruzeiro do Sul: aspectos dos vários 'budismos' no Brasil". São Paulo: Revista USP, nº 67.

GRIMES, John

1994. *Problems and Perspectives in Religious Discourse.: Advaita Vedanta implications*. Albany: State University of New York Press.

IKEDA, Daisaku

- 1983. *Budismo, el Primer Milenio*. Buenos Aires, Argentina: Emecé Editores.
- 2004. *A Sabedoria do Sutra de Lótus — uma Discussão sobre a Religião no Século XXI*. São Paulo: Editora Brasil Seikyo, vol. 1.
- 2007. *A Sabedoria do Sutra de Lótus — uma Discussão sobre a Religião no Século XXI*. São Paulo: Editora Brasil Seikyo, vol. 2.
- 2000. *Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo*. São Paulo: Editora Brasil Seikyo.
- 2008. “Faith in Revolution” (Fé em Revolução). In revista *Tricycle*, volume 18, nº 2. <<http://www.tricycle.com/interview/faith-revolution?page=0%2C0>>

INOUE, Daisuke

- 2006. “Un Nuevo Movimiento Religioso em México: La Soka Gakkai”. *Alteridades* 16/32: 43–53.

JOY, Lam Yuen Yu

- 2005. *Religious Conversion and the Reconstruction of Identities: the case of Chinese Muslim converts in Malasya*. Dissertação de Mestrado. National University of Singapore.

KELLER, Barbara; CSÖFF, Rosina-Martha e STREIB, Heins

- 2007. “The Bielefeld-Based-Cross-Cultural Research on Deconversion: qualitative results 2”. *Contributions to Biographical Research in Religion*, nº 3

König, Thomas.

- 1999. *Patterns of Movement Recruitments: why dense networks help recruitments to new social movements, but obstruct recruitment to New Age movement*.

LAMB, Christopher e M. DARROL, Bryant

1999. *Religious Conversion: contemporary practices and controversies*. Londres e Nova York: Cassell.

LEE, Toby

2002. "Oh, Gods!" *The Atlantic Online*.

LEVENSON, Michael R., ALDWIN, Carolyn M. e D'MELLO, Michelle

s.d. "Religious Development from Adolescence to Middle Adulthood". *Handbook of Religion and Spirituality*. P. 144–161.

LEWIS, James R.

2000. "Sect-Bashing in the Guise of Scholarship: A Critical Appraisal of Select Studies of Soka Gakkai". *Marbourg Journal of Religion*, vol. 5, nº 1.

LIENEMANN-pERRIN, Christine

2005. Conversão no Contexto Inter-Religioso: uma perspectiva missiológica. *Estudos Teológicos* 45/2: 61–80.

LITTLETON, C. Scott

2007. "Tradições Japonesas". In COOGAN, Michael D. *Religiões — História, Tradições e Fundamentos das Principais Crenças Religiosas*. São Paulo: Publifolha.

MAHONEY, Annette e PARGAMENT, Kenneth I.

2004. *Sacred Changes: spiritual conversion and transformation*. JCLP/In Session, 60 (5): 481–492.

MALONY, H. Newton e SOUTHARD, Samuel

1992. *Handbook of Religious Conversion*. Birmingham, Alabama: Religious Education Press.

MATSUDA, Tomohiro, ed.

1983. A Dictionary of Buddhist Terms and Concepts (Dicionário de Termos e Conceitos Budistas). Tóquio: Nichiren Shoshu International Center.

MCCULLOUGH MICHAEL E., BONO, GIACOMO e ROOT, LINDSEY M.

2005. "Religion and Forgiveness". *Handbook of Religion and Spirituality*, p. 394–411.

MÉTRAUX, Daniel A.

1992. "The Dispute Between the Soka Gakkai and the Nichiren Shoshu Priesthood: A Lay Revolution Against a Conservative Clergy". *Japanese Journal of Religious Studies*, vol. 19, nº 4.

NEGRÃO, Lísias Nogueira, org.

2009. *Novas Tramas do Sagrado: trajetórias e multiplicidades*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

NISSIMI, Hilda

2004. "Religious Conversion, Covert Defiance and Social Identity: a comparative view". *Numen*, vol. 51.

Ozaki, André Mazao.

1990. *As Religiões Japonesas no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola.

PALOUTZIAN, Raymond F.

2005. "Religious Conversion and Spiritual Transformation: a meaning-system analysis". *Handbook of Religion and Spirituality*. p. 331–347.

PARK, Crystal L.

2005. "Religion and Meaning". *Handbook of Religion and Spirituality*. p. 295.

PERCHERON, Maurice.

1994. *Buda e o Budismo*. Rio de Janeiro: Agir.

PEREIRA, Ronan Alves

2001. *O Budismo Leigo da Soka Gakkai no Brasil: da revolução humana à utopia mundial*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas.
2005. "Uma Vertente Budista Híbrida e Mutante: reflexões sobre a Soka Gakkai Internacional e seus pesquisadores". Anais do 3º Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil / 16º Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa. Brasília: Universidade de Brasília / Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, p. 231–250.
2008. The Transplantation of Soka Gakkai to Brasil: building "the closest organization to the heart of Ikeda-Sensei". *Japanese Journal of Religious Studies*. 35/1. Nanzan Institute of Religion and Culture.
- 2008a. "A Japanese New Religion in the Age of Globalisation: the role of leadership within the neo-buddhist Soka Gakkai". IIAS Newsletter nº 47.

PITULAC, Tudor e NASTUTA, Sebastian

2007. "Choosing to be stigmatized: rational calculus in religious conversion". JSRI, Nº 16.

PLANT, Stephen J.

2009. International Development and Belief in Progress. *Journal of International Development* 21: 844–855.

RAMBO, Lewis R. e FARHADIAN, Charles E.

1999. “Converting: stages of religious change”. In *Religious Conversion: contemporary practices and controversies*. Lamb, Christopher e Bryant, M. Darrol, ed. P. 23–34.

SANTOS, Maria de Lourdes, org.

2000. *Guia Prático do Budismo — Questões Básicas sobre a Prática da Fé*. São Paulo: Editora Brasil Seikyo.

2003. *Síntese do Budismo*. São Paulo: Editora Brasil Seikyo.

2004. *Fundamentos do Budismo*. São Paulo: Editora Brasil Seikyo.

2006. *A Vida de Nitiren Daishonin*. São Paulo: Editora Brasil Seikyo.

2009. “‘Rainhas da Felicidade’: um estudo sobre a Divisão Feminina da BSGI”. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SHAKER, Arthur.

1977. *Buddhismo e Christianismo: Esteios e Caminhos*. Petrópolis: Vozes.

SILVA, Rosa Maria Ferreira da

2007. “Imigração Japonesa e Expansão do Budismo Nichiren no Brasil: uma relação entre ‘mestre e discípulos’”. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS* — n. 36/37 — ano 20 — p. 189-196.

SILVA, Vera de Andrada e

2002. *Conversão ao Budismo Tibetano: trajetórias em três grupos de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SNOW, David A. e MACHALEK, Richard

1984. The Sociology of Conversion. *Annual Review of Sociology* 10: 167–190.

STARK, Rodney

2004. “Trazendo a Teoria de Volta”. REVER — *Revista de Estudos da Religião*, nº 4, p. 1–26

STARK, Rodney e BAINBRIDGE, SIMS, William

2009. *Uma Teoria da Religião*. São Paulo: Paulinas.

STARK, Rodney e IANNACCONE, Lawrence

1997. “Why the Jehovah’s Witnesses Grow so Rapidly: a theoretical application”. *Journal of Contemporary Religion*, vol. 12, nº 2.

STREIB, Heinz

s.d. *Biographical and Religious Development in Christian-Fundamentalist Converts and Deconverts*. Research Center for Biographical Studies in Contemporary Religion.

SUSSUMU, Shimazono

2007. “Soka Gakkai e a Moderna Reforma do Budismo”. *A Espiritualidade Budista: China mais Recente, Coreia, Japão e mundo moderno*. São Paulo: Perspectiva, vol. 2.

TOMITA, Andrea Gomes Santiago

2004. “As Novas Religiões Japonesas como Instrumento de Transmissão de Cultura Japonesa no Brasil”. REVER — *Revista de Estudos da Religião*. São Paulo: nº3.

USARSKI, Frank

2002. (org.). *O Budismo no Brasil*. São Paulo, Lorosae.

2006. “Conflitos Religiosos no Âmbito do Budismo Internacional e suas Repercussões no Campo Budista Brasileiro”. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro 26/1.

2008. “Declínio do Budismo ‘Amarelo’ no Brasil”. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 20, nº 2, p. 133–153.

2009. *O Budismo e as Outras: encontros e desencontros entre as grandes religiões mundiais*. Aparecida, SP: Editora Ideias e Letras.

VALLE, Edênio

2002. “Conversão: da noção teórica ao instrumento de pesquisa”. *REVER — Revista de Estudos da Religião*. São Paulo: 2.

WARBURG, Margit

2001. Seeking the Seekers in the Sociology of Religion. *Social Compass* 48 (1): 91–101)

WATANABE, Masako

2008. “The Development of Japanese New Religions in Brazil and Their Propagation in a Foreign Culture”. *Japanese Journal of Religious Studies* 35/1. Nanzan Institute for Religion and Culture.